

As confissões sexuais de

Maria Francisca

SÉRGIO MATTOS

**AS CONFISSÕES DE
MARIA FRANCISCA**

2008

Copyright Sérgio Augusto Soares Mattos

4537/1 – 1000 – 120 - 2008

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor,
Proprietário do Direito Autoral.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mattos, Sérgio

As confissões sexuais de Maria Francisca /
Sérgio Mattos, -- São Paulo: Scortecci, 2008.

ISBN 978-85-366-1152-5

1. Ficção brasileira I. Título

08-03327

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

Grupo Editorial Scortecci

Scortecci Editora

Caixa postal 11481 – São Paulo – SP – CEP 05422-970

Telefax: (11) 3032-1179 e (11) 3032-6501

www.scortecci.com.br

editora@scortecci.com.br

Livraria e Loja Virtual Asabeça

www.asabeça.com.br

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Prólogo – Uma mulher decidida e sedutora..... | 5 |
| Capítulo 1 – De como se livrar do vício do sexo..... | 7 |
| Capítulo 2 – Experiências no rio São Francisco..... | 21 |
| Capítulo 3 – As técnicas de sedução de Maria Francisca..... | 31 |
| Capítulo 4 – A sedução do Padre Olavo..... | 51 |
| Capítulo 5 – Felipe Castelo, o homem que a rejeitou..... | 68 |
| Epílogo – Uma mulher autêntica..... | 81 |
| O autor e suas obras..... | 85 |

PRÓLOGO

UMA MULHER SEDUTORA

Maria Francisca é mãe solteira e cria dois filhos adolescentes. Tem 30 anos e muita garra para trabalhar e tirar o máximo das oportunidades. Para ela, o prazer casual, de intensidade apocalíptica, vale mais do que o romance tradicional, pois os compromissos amorosos muito longos acabam se transformando numa chatice. No seu entendimento, um romance não precisa ser de longa duração. Um romance deve durar no máximo seis meses, tempo necessário para que ele saia do estágio da novidade, chegando ao clímax do desejo para depois entrar na fase do declínio, quando a paixão começa a esfriar. Sente-se ainda bela e capaz de seduzir quem bem ela assim o deseje, pois é ferosa e sua silhueta transborda sensualidade. Basta pôr os olhos em um homem de seu interesse que ela começa a fazer de tudo para dele se aproximar. Gosta de pessoas que usam o talento para crescer e não se considera mulher-objeto porque quem sempre está no comando das ações é ela. Dona de um temperamento alegre e envolvente, ela costuma investigar a vida do pretendido junto às pessoas do círculo de amizade dele, no trabalho e na Internet, não deixando de vasculhar o orkut e as listas de bate-papo. Apesar de nunca ter concluído um curso universitário, possui uma inteligência acima da média e estuda muito por conta própria, dominando vários assuntos. Acha-se uma mãe exemplar, mas sua vida de mulher ativa é cheia de aventuras, pois ela encara o sexo casual como se fosse fome, que tem que ser saciada. Ela costuma dizer que o melhor afrodisíaco que existe ainda é a variedade. Algumas de suas aventuras são tão eletrizantes, que deixaria a maioria dos homens de cabelo em pé e com a pulga atrás da orelha. Em resumo, a mulher é um arraso.

Vestida, pode até passar tranqüilamente sem chamar a atenção se assim ela o decidir, pois sabe ser discreta quando necessário. Bonita ela é e qualquer pessoa só precisa vê-la passar ao largo para atestar esta verdade. Sem roupas, ela personifica o que a maioria dos homens costuma dizer “é um verdadeiro avião”. Isto sem falar que na cama é safada, ela gosta de tudo e quer experimentar de tudo. Nunca está satisfeita e é muito fantasiosa. Ela sempre cria situações para aguçar a curiosidade de seus parceiros que

sempre estão dispostos a realizar qualquer fantasia por ela proposta. Na verdade Maria Francisca é uma mulher decidida e sedutora. Ela é o cão em figura de gente, um vulcão sexual, que costuma dar nó em pingo d'água, aparecendo nos locais mais incríveis, envolvendo o homem desejado de tal forma que fica difícil para ele resistir aos seus encantos, ao seu jogo de sedução e dizer um não a Maria Francisca.

Morena, com cabelos lisos até o meio das costas, além de um sorriso encantador, ela possui olhos sedutores, matreiros e cheios de segredos. Quando concentra seus olhares maliciosos numa presa, ela consegue causar arrepios e pode até mesmo desarmar o mais seguro dos homens. De seus olhos cor de mel podem sair faíscas que esquentam a libido de homens ou mulheres. É isso mesmo, ela adora paquerar mulheres, casadas ou separadas, com as quais mantém encontros que podem começar com programas simples e ingênuos como ir à praia, em um dia de sol.

Invariavelmente, na volta da praia ela encontra uma maneira de tomar banho junto à pretendida. No banheiro ajuda a ensaboar a amiga ou convidada, deixando algumas delas, em estado de choque, sem nada dizer ou fazer qualquer gesto para impedir as carícias mais ousadas. Elas sempre acabam seduzidas por Maria Francisca. Ela também adora ter casos com homens casados, com os quais arma encontros a três, com duas mulheres ou dois homens. Ela prefere virar sanduíche tendo um homem pela frente e outro por trás. Costuma induzir seus parceiros de cama a fazer como ela quer e isto depois dela já ter feito com eles, ou elas, tudo o que tinha desejado praticar. Qualquer homem, quando com ela na cama, acaba virando um super-homem, pois Maria Francisca se diz capaz de levantar até pau de defunto.

Fazer um relato das aventuras e peripécias de Maria Francisca é o que se pretende nesta história. Aliás, seria melhor denominá-la de “As Confissões de Maria Francisca”, a história de uma baiana que feriu e se feriu de amor. Como uma mulher bem resolvida e dona de sua vida, em suas aventuras sexuais ela também tem ajudado homens e mulheres a se encontrarem e resolverem seus próprios problemas, de ordem psicológica ou física.

CAPÍTULO 1

DE COMO SE LIVRAR DO VÍCIO DO SEXO

Por não ter concretizado o seu sonho, o de poder escolher o homem que seria o pai de seu terceiro filho, que seria planejado e só deveria nascer quando completasse 35 anos, Maria Francisca ficou um tanto quanto chocada com a recusa do pretendido e a situação lhe abalou um pouco a autoconfiança. Ela que sempre dominou as situações, não conseguiu assimilar com tranquilidade o tremendo fora que levou. Ela sabe que faz parte da natureza humana sentir medo de fracassar, de amar e ser amada, mas não aceita ser descartada. Isso ela não entendia e não aceitava, até porque não queria nada dele, salvo o sêmen para gerar um novo filho. Entretanto, nada impedia que ela continuasse a seduzir os homens, pois ela tinha muito fogo e só conseguia abrandá-lo quando seduzia homens e mulheres, mantendo relações sexuais de acordo com suas fantasias. O fora a deixou triste principalmente devido à interpretação que o escolhido dera à sua pretensão. Ela então afogou suas mágoas entrando de cabeça em novas aventuras e conquistas, o que a levou a uma situação na qual ela estava perdendo o controle sobre sua compulsão sexual, apesar de não ter perdido o controle sobre sua própria vida.

Nesse período, freqüentou sessões espíritas e foi a vários terreiros de candomblé, consultando pais e mães de santo, mas ninguém conseguiu ajudá-la. Consultou cartomantes, quiromantes e jogadores de búzios. Foi numa destas consultas que uma cartomante lhe revelou que ela havia sido contaminada pela doença do sexo. Daí aquela vontade de praticar sexo quase que compulsivamente. Daí aquela fantasia toda de fazer corar homens e mulheres. Maria Francisca se submeteu a várias sessões de limpeza, recebendo passes de inúmeros médiuns. Após esse trabalho de limpeza ela foi recomendada a procurar um padre para obter o perdão de Deus, para curar o espírito, e um médico para se curar, fisicamente, pois ela estava viciada em sexo. E este é um vício de efeitos tão destrutivos quanto o vício de dependência química de álcool ou drogas. No sul do país existem grupos de ajuda para os viciados em sexo, que atuam de maneira semelhante ao dos Alcoólatras Anônimos, ou seja, o grupo Dependentes de Amor e Sexo Anônimos (Dasa) que funciona a partir da adaptação dos mesmos 12 passos de recuperação utilizados pelos Alcoólicos Anônimos. Entretanto, ela desconhecia a

existência de grupos semelhantes na Bahia e se tivesse algum, com certeza, o seu perfil não se enquadraria nem ela teria paciência para participar.

Segundo os especialistas, uma pessoa viciada em sexo não possui o menor controle sobre seu próprio comportamento, pois pensa em sexo durante todo o tempo. E este era o caso de Maria Francisca que apresentava mais de um dos sintomas dos viciados: ela passava horas elaborando estratégias para seduzir uma pessoa que estivesse em seus planos. Ela não se satisfazia só no processo de sedução, pois tinha que consumir o ato conforme o planejado. Na verdade, o comportamento de Maria Francisca não chegava a ultrapassar o limiar entre o que os médicos consideram como aceitável e o comportamento patológico. O que caracteriza realmente um dependente de sexo, a patologia em si, é a total falta de controle sobre a situação, levando ao surgimento de problemas reais não apenas na vida afetiva, mas também no relacionamento social, profissional e familiar, o que não acontecia com Maria Francisca. A diferença básica entre uma pessoa sexualmente dependente e Maria Francisca, que possui um grande apetite sexual, é que a primeira não tem escolha, pratica o sexo com qualquer um compulsivamente e nunca sabe dizer um não. Apesar de ter um comportamento de risco, ela sabe escolher o momento, o parceiro e faz a coisa acontecer de acordo com os seus próprios desejos.

O médico que ela procurou recomendou que fizesse análise, pois como possível dependente do sexo deveria estar sofrendo por sentir-se culpada no fundo de sua alma. Foi por conta da orientação dos médiuns e da opinião do médico que ela decidiu aceitar, mesmo contestando, a sugestão de procurar a ajuda de um padre, deixando o psicanalista para um outro momento. Como nada tinha a perder resolveu encarar logo o padre. Segundo um livro que ela leu, na confissão, o padre é apenas um juiz da moralidade dos atos do pecador, enquanto na psicoterapia, o analista não é juiz moral, nem tão pouco tem poderes e autoridade para absolver os pecados, limitando-se a entender os processos psicológicos e o sentido da neurose. Maria Francisca não se sentia como se fosse uma neurótica, pois não observava em si mesma a existência de sentimentos de culpabilidade, nem tão pouco se angustiava com sua maneira de ser. Ela não se via como possuidora de um comportamento sexualmente obsessivo.

O padre recomendado era considerado um homem santo, um peregrino, que passava o ano viajando, fazendo romarias por todo o Nordeste do Brasil, da Bahia ao Ceará. Do Santuário de Bom Jesus da Lapa a Juazeiro do Norte, de Padre Cícero. Sua passagem pelas cidades interioranas era aguardada com ansiedade, pois diziam que ele

celebrava missas, fazia confissões individuais e coletivas e que já tinha até realizado alguns milagres. Ele era da ordem dos franciscanos e se chamava Frei Vicente.

Careca, um pouco corcunda, como se carregasse os pecados do mundo, barba grisalha, sua voz fraca era carregada por um forte sotaque estrangeiro. Sua aparência era de 75 anos. Frei Vicente passou a se dedicar à vida missionária depois de ter ficado viúvo e perdido os cinco filhos numa tragédia ocorrida em seu país de origem, que ele nunca revelou qual era. Mas, isso pouco importa, desde que ele é considerado um Homem Santo e que poderia resolver os problemas de Maria Francisca. As beatas de Bom Jesus da Lapa encontraram uma maneira de marcar o encontro do santo com a pecadora, numa casinha afastada da sede da fazenda onde ele se hospedava para fazer seu retiro espiritual anual até a época das romarias.

Frei Vicente recebeu Maria Francisca numa sexta-feira pela manhã, bem cedo, ao nascer do dia, quando as forças da natureza começavam a despertar, abrindo os corações. Os raios do sol, ainda tímidos, começavam a esquentar as penas do galo que começou a cantar quando Maria Francisca subia os cinco degraus de acesso à varanda da casinha, onde Frei Vicente a esperava sentado, vestido em seu hábito de cor marrom desbotado, pois a poeira das estradas percorridas e o sol de há muito haviam mudado a cor original. Ele segurava um terço escuro e rezava apertando os olhos, procurando enxergar além da aparência exterior da pecadora.

Maria Francisca trajava um vestido simples e longo, de alças e folgado, mantendo os ombros cobertos por um xale. Não estava maquiada, nem estava usando as suas costumeiras argolas que lhe davam um ar de cigana. Uma bolsa tira-colo estava trespassada separando seus seios pequenos, mas arredondados. Naquele vestido solto, suas formas perfeitas só podiam ser visualizadas quando o vento forte grudava em seu traseiro e o tecido macio escorregava prendendo-se entre suas coxas. Em suma, ela estava vestindo as roupas simples que o povo da terra usava e calçava uma sandália baixa de tiras de couro cru que subiam até o meio de suas pernas. Os cabelos estavam presos sob um lenço e os olhos protegidos por óculos de lentes escuras.

Ela subiu os degraus devagar, tentando evitar o ranger de madeira velha. De Cabeça baixa, como se envergonhada estivesse, aproximou-se do Frei que lhe apontou uma cadeira. Sentou-se sem jeito. Não sabia se cruzava ou não as pernas, nem tão pouco sabia o que fazer com as mãos. Então resolveu o problema acendendo um cigarro, mas não teve coragem de abrir a boca.

Frei Vicente, já informado dos problemas da jovem, disse-lhe que a única maneira dela se livrar do peso que carregava, da doença do desejo sexual exacerbado, do seu vício, era contar tudo para alguém. Botar para fora tudo o que lhe havia acontecido com toda a sinceridade da alma. Se ela conseguisse contar sua história, como se história fosse, ela não mais lhe pertenceria e ela iria conseguir se ver livre daquilo. O seu processo seria abrir-se toda, revelar toda a sua raiva contida, pelo que realizou ou deixou de realizar, procurando pensar, concentrando-se que aquela não era a sua história, mas a história de alguém que sofreu muito e que também fez muita gente sofrer. Ela tinha que perdoar a todos e pedir o perdão de todos para Maria Francisca. Frei Vicente ainda a orientou no sentido de que procurasse refletir um pouco, antes de começar a contar sua história, buscando todas as lembranças que tinha em sua mente desde sua infância. E assim, após alguns minutos de total silêncio, com uma voz embargada ela começou a contar sua infância:

- Meu pai era um homem bom e mesmo assim minha mãe o traia com o vizinho, seu melhor amigo. Zé Beltrão era um tarado filho da puta. Foi ele que tirou meu cabaço e eu não tinha nem 12 anos. Meus peitinhos estavam apenas aflorando e minha xana estava começando a ganhar uns pelinhos macios. Ele me batia e ameaçava contar pra minha mãe e pra todo mundo se eu falasse qualquer coisinha sobre o assunto... – Fez uma pausa enquanto ascendia outro cigarro ao mesmo tempo em que ficou de pé e começou a gesticular, andando de um lado para outro da varanda. Falava sem parar, com raiva, chorando e às vezes até gritando, enquanto Frei Vicente não se mexia.

- Aquele miserável comeu minha bunda a ponto de sair sangue. Fiquei três dias sem nem poder sentar e não podia contar a ninguém. O pior era que meu pai sempre me mandava levar coisas na casa do Beltrão ou dar um recado. Era só eu chegar lá para ele começar a me bolinar, apertando meus peitos ainda em formação, metendo os dedos na minha xana para ficar cheirando. ...Porco, filho de uma puta.... – xingava com voz forte e gutural – A coisa piorou quando meu pai viajou com minha mãe e pediu para ele tomar conta de mim por três dias... – Maria Francisca se calou de repente e foi sentar-se nos degraus da varanda. Sua vista se perdeu na terra seca, onde ao longe se podia ouvir um cavalo relinchando e, um pouco mais próximo, ver um casal de caprinos trepando. Tudo era muito natural, mas aquela cena a fez recordar a humilhação que teve que passar.

- Zé Beltrão me obrigou a lhe chupar enquanto um amigo dele me enrabava... – e com raiva xingava – aquele tarado filho de uma égua. Meu pai descobriu e me botou para fora de casa. Fui morar em Juazeiro da Bahia com uma tia. Ela era professora durante o

dia e a noite recebia uns políticos de Petrolina em casa. Era uma putaria danada. Ela me trancava no quarto, mas eu via tudo pelas brechas da parede de madeira. Aprendi muita coisa vendo minha tia fazendo. Coisas que fui forçada, mas ela fazia com prazer e ainda recebia dinheiro e presentes. Um dia, eu estava me balançando numa rede e ela olhava uma revista de mulher pelada. Não resisti e disse que sabia o que ela fazia e que queria aprender. Ela me arranhou algumas companhias, alguns rapazes bonitos da capital, e eu acabei casando com o filho de um usineiro de Alagoas... Bem, não foi bem um casamento, não vou mentir, mas ele me carregou para lá e montou casa e vinha me comer dia sim, dia não. Tive dois filhos com ele. Ele me tratava bem, me ensinou boas maneiras, contratou professores particulares que me ensinaram muita coisa. Era um sonho, vivi com ele dos 14 aos 18 anos, quando o pai dele decidiu que ele tinha que casar com a filha de outro usineiro para salvar a situação financeira da família. Aquilo foi um desastre, pois numa madrugada, o pai dele, o coronel Olegário, como era conhecido o prepotente chefe político da cidade, chegou a minha casa, com mais três homens, e me carregaram com meus filhos numa caminhonete para o Vale do Cariri, no Ceará. Me deixaram numa casa abastecida e me deram algum dinheiro para eu me virar além de me ameaçarem, afirmando que se eu voltasse lá, falasse do assunto ou procurasse Eugênio, o pai de meus filhos mesmo sem nunca tê-los registrado como tal, eu ia morrer. É – disse com sarcasmo -, mas quem morreu foram os dois, o coronel e Eugênio, num acidente da BR-101 – Interrompeu sua narrativa demonstrando muita raiva. Bateu o pé no chão e disse, olhando para Frei Vicente:

- Foi a partir daquela separação forçada, uma violência contra os direitos da mulher e das crianças, que decidi usar os homens. Satisfazer meus instintos, minhas fantasias e cagar solenemente para eles que até aí só tinham me feito sofrer. Como nordestina de fibra resolvi enfrentar a vida de frente. Voltei para a Bahia e arranhei um emprego público em Salvador, mas não fazia nada. O deputado que me indicou só queria me comer, mas ele até que serviu aos meus propósitos, pois conheci muita gente importante e trepei com todos eles, com as mulheres e os filhos deles, sempre em troca de alguma coisa. Como era vistosa sempre fui convidada para trabalhar como recepcionista nos eventos políticos, de onde, aqui pra gente – confessou em tom de orgulho – nunca saí zerada. Sempre consegui sair das festas muito bem acompanhada. Consegui fazer alguns cursos e montei meu próprio negócio de promoções e vendas. Vendi de tudo, assinaturas, livros, seguros, publicidade, cosméticos e produtos naturais além de prestar serviços especiais tais como a produção de panfletos e folders impressos, além de elaborar home

pages e sítios na Internet para empresas, políticos e prefeituras – respirou fundo e acrescentou – Sou uma mulher moderna. Gosto de dar as ordens no meu negócio, gosto de tomar decisões e de não depender de ninguém. Gosto principalmente de fazer sexo sem culpa com quem bem entenda. Nunca abafei a minha sexualidade. Sou vaidosa e gosto de ser desejada e admirada.

Continuando, Maria Francisca, assumindo um ar de dona da verdade e de muita confiança em si mesmo, comentou:

- Sabe padre! Acho que sou assim talvez como um resultado das conquistas feministas do século passado. Apesar disso, não me sinto obcecada por dinheiro e sucesso. O que me interessa mesmo sou eu, o aqui e o agora... – e após um silêncio prolongado continuou: Foi então que montei uma casa e contratei empregada para cuidar dos filhos. Minha casa era próxima da de meu avô, numa cidade da Chapada Diamantina, e ele sempre me ajudou com os meninos, cobrindo minhas ausências, pois compreendia meu espírito livre e aventureiro. A vida estava arrumadinha, mas eu gostava mesmo era da putaria. E assim, todos os fins de semana eu costumo dar minhas saídas. Costumo bebericar nos bares da cidade e não raro o prefeito de uma cidade vizinha, um deputado que estava na região da Chapada se encantava com meus dotes e me levava para uma boa trepada, às vezes no banco detrás dos carros, no chão ou nos motéis, quando tinha um por perto... – fez uma pausa e após um longo suspiro continuou:

- Aprendi a manipular homens e mulheres. Eu conseguia tudo o que queria. Quando viajava por cidades mais próximas, encontrava com algumas amigas e me hospedava sempre com elas. Foi assim que uma noite, na casa de Amélia, que morava com mais duas colegas, Julieta e Zelinda, fizemos a maior sacanagem que se pode imaginar de ser feita entre quatro mulheres. Zelinda tinha comprado, via internet, um consolo, um vibrador dos grandes, e falava com animação sobre a beleza que era aquela maquininha. Depois de umas três garrafas de vinho branco, nós três nos reunimos e pegamos Zelinda na raça, enquanto uma chupava os peitos, a outra enfiava o vibrador e a outra a bolinava. No fim ninguém sabia quem estava com quem nem o que uma fazia com a outra. A merda foi que por causa do calor deixamos a porta da sala aberta para o vento encanar pela janela... Não é que às duas da madrugada o vizinho do segundo andar chegou e ao passar, como a porta do apartamento estava aberta, ele parou e ficou olhando aquelas quatro mulheres nuas. Quando o percebemos ele já estava nu de pau duro na sala e já passava as mãos na minha bunda. Gostei. Parei me ajeitei e ele enfiou a porra em mim. Era tão grande quanto a de Zé Beltrão, aquele sacana, mas agora eu estava

gostando. Para se ter uma idéia do tamanho só mesmo citando o que Fefê de Amargosa costuma dizer sobre os avantajados: “mede um palmo e um tico, fora a cabeça, o bico e o lugar de pegar”. Fiquei sabendo depois que o vizinho, o Chico Dias, era sargento da PM e trabalhava na delegacia do município. Através dele me aproximei do delegado da cidade, com quem tive um caso. Aliás, como eu tinha problemas de asma, ele ou o sargento Dias sempre me arranjam um pouco de maconha, que eu uso de vez em quando como remédio. O delegado Xavier me adotou por uns seis meses. Ele é mulherengo, gosta de trocar de mulher como quem troca de camisa, mas curti bons dias com ele, fizemos boas farras juntos... – A nostalgia dos bons tempos fez com que Maria Francisca ficasse um pouco mais calma. Passou alguns minutos em silêncio e depois pegou um copo de alumínio e encheu de água fresca que se encontrava numa moringa que estava no parapeito da janela rústica, pintada de azul colonial. Bebeu depressa e voltou a se sentar em frente a Frei Vicente que a olhou novamente e perguntou:

- É tudo minha filha? Você está se perdendo pelos erros cometidos? – perguntou frei Vicente considerando os fatos revelados até o momento que Maria Francisca carregava em seu interior muitos traumas de infância, devido aos abusos de que fora vítima. Esses abusos podiam bem ser a resposta para a raiva que ela sente de certos homens. Entretanto ele não queria se precipitar e tirar conclusões, até porque ele não era psicólogo e sim um padre que sabe que o pecado como tal é apenas um ato consciente e livre que não é responsável pelo surgimento de neuroses. O pecado não passa de um ato religioso e por isso não pode ser identificado como um fato psicológico. Aliás, no ato da confissão o essencial é a absolvição e a certeza do pecador de que será perdoado.

- É padre, minha vida até agora tem sido uma porra mesmo, mas contando assim tem momentos que dá até saudade. Estou me sentindo melhor, mas falta contar muita coisa e me deu uma fome braba. O senhor não quer comer?

Os dois se levantaram e foram andando devagarzinho em direção à casa da fazenda, onde o almoço seria servido. Um vaqueiro estava em pé bem na frente da casa e não tirava os olhos de Maria Francisca. Dona Josefa, a dona da fazenda veio ajudar Frei Vicente, oferecendo-lhe o braço na subida dos degraus. Maria Francisca encarou o vaqueiro e sentiu um fogo subir entre as pernas. A troca de olhares foi sutil, mas a química era perfeita entre os dois. Um arrepio gostoso subiu pela espinha até o cangote. Maria Francisca suspirou enquanto o vaqueiro, em sua roupa de couro e chapéu nas mãos, fez um cumprimento com a cabeça enquanto seu olhar quente percorreu toda a beleza daquele corpo moldado pelo vento, que chegou a delinear o rego da bunda.

O dia estava quente e Dona Josefa sugeriu que Maria Francisca tomasse um banho rápido para refrescar enquanto o almoço seria posto:

- Você pode usar o banheiro do salão de festas – disse referindo-se a uma área de lazer instalada nos fundos da casa onde costumavam recepcionar políticos –. Lá tem um banheiro muito bem equipado e Tonho – frisou voltando-se para o vaqueiro – poderá conduzi-la até lá.

Ao chegarem ao banheiro, sem palavras os dois entraram e se agarraram com selvageria, um comendo o outro numa rapidez incrível. Ele saiu sorrateiramente enquanto ela se enfiou debaixo da água fria. Meia hora depois chegava à sala com os cabelos soltos, molhados, sem óculos, com o xale nas mãos, e os belos ombros à mostra. Dona Josefa lançou um olhar intrigante, mas não disse nada. Coronel Arruda, seu marido, cofiou a barba, deu um pigarro e ficou mudo olhando discretamente para Maria Francisca, pelo canto do olho, enquanto fingia ouvir a conversa de Josefa com Frei Vicente.

Pouco tempo depois quem se sentou também à mesa foi o tal vaqueiro Tonho, que na verdade era filho de dona Josefa e estava concluindo o curso de Direito em Salvador. Ele havia trocado de roupas e agora vestia uma calça jeans com uma camiseta azul marinho que moldava seus músculos. A camiseta exibia uns dizeres: “Todo mundo é corno. Se você ainda não é, está sendo agora ou será”. Calçava um tênis cinza de grife e exibia um cinto com uma grande fivela ao estilo dos caubóis norte-americanos.

O almoço foi servido: bode assado com feijão tropeiro, arroz e batata cozida. Após o almoço, Frei Vicente foi tirar uma soneca na rede da varanda enquanto Maria Francisca ficou sentada, pensativa, esperando o padre para dar continuidade às suas confissões. Perto das três horas da tarde ela e o frei se dirigiram novamente à casa do retiro do homem santo. Lá chegando, tomaram as mesmas posições. Maria Francisca não sabia como continuar a falar e permaneceu em completo silêncio. Frei Vicente olhou-a e disse:

- Minha filha, não se preocupe. Maria Madalena foi considerada a maior pecadora do mundo e mesmo assim foi perdoada por Jesus. O importante é que você também perdoe a si mesma. Mesmo em silêncio, se você pensar no que fez de errado, se arrependendo dos pecados cometidos e perdoando àqueles que lhe fizeram sofrer, você se sentirá melhor. Assim sendo, não tenha pressa, nem queira mudar o mundo em um só dia. A vida é feita de momentos, de um dia a trás do outro e o nosso caminho do ponto onde estamos para o local que pretendemos chegar, por mais longo que seja, será cumprido

passo a passo. Não se desespere, pois você não vai virar uma santa como num passe de mágica. Os pecados reconhecidos, analisados e identificados serão vencidos e o seu interior vai se transformando aos poucos. É minha filha, mas é importante saber que mesmo confessando seus pecados, a confissão em si não vai acabar com sua inclinação para o prazer sexual. Entenda que a real beleza da vida está no seu interior. Chegaremos a um ponto de convergência onde tudo se completará e você encontrará da vida o que você busca nesta carreira desenfreada de fantasias e desejos sexuais – Neste exato momento Maria Francisca soluçou e começou a chorar. Correu até onde o padre estava sentado e ajoelhou-se recostando sua cabeça no colo dele que lhe afagou os cabelos e rezou por um pequeno instante que para Maria Francisca pareceu uma eternidade. Ela se levantou, enxugou as lágrimas, acendeu um cigarro, caminhou até aos degraus, sentou-se e com o olhar perdido no terreiro que se estendia à frente da casa, com várias galinhas, patos e perus ciscando, começou a falar novamente:

- Padre... É difícil para eu dizer que tudo o que fiz foi pecado. Para mim só foi pecado quando meu ato mexeu com minha consciência, quando me preocupei por ter sido perversa, vingativa e interesseira. Mas, quando fiz porque gostava, com toda a alegria de meu ser, por pura satisfação e prazer, não considero que eu tenha pecado. Muitas coisas fiz por inocência, por ingenuidade, por curiosidade, por espírito de aventura e não estava nem pensando que isso fosse pecado. Se eu não considero ter pecado, como minhas ações poderão ser julgadas, pelos outros, como se pecado fossem?

- Minha querida Maria Francisca – disse Frei Vicente com um tom de voz conciliatório e firme, apesar de suave – o importante é ser autêntica, verdadeira, sem falsidade. Seja leal a si mesma. Acredite em Deus, peça perdão pelos seus atos, mesmo que você não os entenda como pecado. Deus haverá de compreendê-la e saber que seremos bem aceitos na Casa do Pai, nos dá segurança e nos trás paz de espírito. Como disse Jesus ao proteger Madalena “quem nunca pecou que atire a primeira pedra”. Portanto, minha filha, reze sempre que puder...

- Mas padre – interrompeu Maria Francisca – eu nunca aprendi a rezar. Eu não sei rezar e as vezes que fiquei de joelhos foi para trepar...

- Minha filha, muitas vezes nós rezamos sem saber. A linguagem de Deus é ampla e ele compreende todos os fatos e perdoará um grande pecado por uma pequena boa ação que você tenha feito. Cada pessoa tem sua própria forma de pedir desculpas ao próximo e muitas vezes quando nos desculpamos com um amigo ou até mesmo com um

desconhecido, estamos pedindo perdão por um ato negativo cometido. Assim sendo, não se preocupe, pois no fundo de sua alma você não é só coisa negativa. Tem muitas coisas boas dentro de todas as pessoas. Cada um vai descobrindo essas coisas aos poucos. Você também vai descobrir isto como eu mesmo descobri e muitas outras pessoas também. Muitas pessoas podem encontrar a verdade superior de nosso Pai até mesmo durante a prática do pecado.

Um profundo silêncio se abateu entre confessor e pecadora. Frei Vicente voltou ao seu terço e ficou no aguardo e de olhos fechados, totalmente concentrado. Maria Francisca ficou pensando no que o padre lhe havia dito. Será que ele também foi um pecador e arrependido virou um homem santo? O que ele quis realmente dizer com as pessoas podem encontrar a verdade do Pai Eterno mesmo durante o pecado. Por que ele tanto cita Maria Madalena como se estivesse me comparando a ela? Até agora ele não teceu nenhum comentário sobre minha história? Continua a se auto-interrogar enquanto um sorrisinho marcava seus lábios, como quem acaba de detectar uma verdade: Frei Vicente deve ter sido um grande pecador. Deve ser por isso que ele não se scandalizou com nada do que relatei...

O silêncio permaneceu entre ambos. Frei Vicente continuou rezando até que um bem-te-vi pousou no alambrado da varanda e cantou alto chamando a atenção dos dois que abriram os olhos. Então olharam diretamente para o ousado pássaro que ficou dando viradas rápidas, olhando para o padre ou para a pecadora e de repente voou tão rápido e para o alto que sumiu do alcance das vistas. Então o padre retornou e disse:

- Os pássaros conversavam com São Francisco. Você nunca conversou com nenhum animalzinho? Você nunca cuidou de nenhum deles?

- Vixe Maria, padre!... Eu não, padre!... Mas já brinquei muito com os bichinhos... o senhor sabe como é, não é? Aqui no interior a criançada gosta de brincar fazendo sexo com eles. Eu mesma tive uma coleguinha que adorava colocar leite condensado na xereca para o cachorrinho dela ficar lambendo... E eu também experimentei e foi uma loucura. Foi a primeira vez que gozei e nem me lembro quantos anos eu tinha. Só sei que era virgem. Zezinho da Galinha, meu vizinho, era pior do que raposa. Ele gostava de comer cu de galinha. Ele dizia que era bem quentinho e que ainda ficava pulsando. O problema é que a galinha fodida sempre morria e agente tinha que enterrar pro povo não saber. O que eu gostava mesmo era de brincar de médico e de papai e mamãe. Eu tinha um primo que costumava passar as férias lá em casa e quando agente brincava de esconde-esconde agente acabava se bolinando. Mas naquela época era tudo uma grande descoberta infantil.

A gente passava horas se pegando e até mesmo se beijando. As meninas aprendiam a beijar beijando outra menina, pois senão recebia gozação da moçada e a fofoca logo se espalhava no grupo e corria feio: “fulana não sabe nem beijar... quanto mais o resto”. Era uma verdadeira afronta, um desafio e agente, tanto menino como menina, tinha que saber das coisas. Quando eu as descobri e descobri na raça, forçada que fui pelo imbecil do Zé Beltrão, eu passei a odiar tudo aquilo que me doía. Passei a gostar de realizar minhas fantasias, a desenvolver técnicas de autocontrole e aprendi também a manipular as pessoas, homens e mulheres, para só fazerem o que eu gostava e da maneira que eu queria... – As últimas palavras foram ditas pausadamente como se ela estivesse flutuando ao sabor da brisa e o tom das mesmas também foi baixando, baixando até virarem um sussurro. Maria Francisca se transportou para o tempo de sua infância e das lembranças das descobertas sexuais. Após um longo suspiro voltou a falar, pois Frei Vicente não disse nada nem tampouco se mexeu na cadeira.

- Pois é padre!... – disse suspirando novamente e ao se levantar, espreguiçou-se com toda a languidez de seu corpo, esticando os braços acima da cabeça. Os cabelos, que já haviam secado, esvoaçavam ao sabor do vento. Livres como a própria dona que passou a sentir-se muito bem com aquela confissão. Cada vez que contava um detalhe, uma história, uma lembrança... era como se estivesse se purificando. Como dissera o padre, ao contar os pecados Maria Francisca sentia que estava retirando pesos de seu corpo, ou seria da alma, perguntava-se e ela mesma respondia em pensamentos, pois pouco importava. Ela não estava nem aí. O que ela estava gostando mesmo era da sensação de que algo de novo estava acontecendo. Ela estava gostando de contar o que gostou de fazer e estava gostando ainda mais porque estava experimentando uma nova sensação. Ela estava se sentindo livre também ao relatar suas vivências, que para muitos podia até ser pecado, mas agora, ela mesma estava cheia de dúvidas, pois não estava se sentindo culpada, até porque se lembrou de ter lido um pensamento de um filósofo francês, Jacques Derrida, que dizia: “só se perdoa o imperdoável, pois o perdoável já está perdoado”. Basicamente ela não se sentia preocupada com aquilo, mas já que tinha começado iria até o fim. Aliás, ela achava que se conhecia perfeitamente, pois havia nascido sob o signo de touro e achava que era natural o seu espírito aventureiro, o seu caráter impulsivo, sua imprevisibilidade e sua determinação de fazer “tudo o que lhe desse na telha”. Ela gostava de viver o aqui-e-agora. Então, ela parou em frente ao padre e sem saber como retomar sua história comentou:

- Padre! Eu já não sei nem mais como ordenar as idéias. Dar seqüência às minhas vivências. São tantas as histórias e experiências vividas que... Está tudo parecendo uma gangorra... Estou lembrando de fatos atuais e de minha infância. Sabe de uma coisa? Eu já nem lembrava desses casos e estou até gostando... estou me sentindo aliviada e ao mesmo tempo acreditando que todo mundo já viveu as mesmas experiências. Acho até que as pessoas são muito hipócritas e sonsas. Fazem de tudo e escondido e ficam condenando as pessoas que não escondem suas ações e atitudes. A vida parece até uma farsa de tanta mentira. Todo mundo representa vários papéis, não é? Eu mesma não vou mentir para o senhor, mas eu adoro representar situações, me passar por quem não sou e acabo levando a melhor. Se não acreditam, nunca me disseram, mas sou uma verdadeira artista. O senhor não imagina como posso incorporar qualquer papel feminino das várias personagens das novelas da TV Globo. Muitas vezes, entretanto, penso que a Globo é que me copia. Certa feita me vi na personagem identificada como Lurdinha – disse referindo-se a um personagem da telenovela “América” –. Eu havia paquerado vários coroaos, pais de minhas amigas, e quando assisti à novela me vi incorporada, até parece que tinham me visto, a cores e ao vivo, paquerando os coroaos e que escreveram aquele papel em minha homenagem. Pena que Lurdinha, apesar de determinada no seu intuito, era bobinha, ela não chega nem aos meus pés. Eu sei o quanto sou ardilosa. O meu negócio com os coroaos era direto: Se fosse bonito e tivesse grana era o que eu queria. Eles caíam na minha rede que nem peixe. Era só eu estalar os dedos e lá estava o escolhido, prontinho para realizar meus sonhos. – E após uma pequena pausa continuou – Olhe! Vou te contar: como tem homem besta nesta terra. Besta é apelido, igual a Dr. Julio Mangabeira não vi ainda. Adorei seduzir Dr. Julio – disse revirando os olhos e soltando uma gargalhada que assustou Frei Vicente. Abrindo os olhos ele a fitou com um olhar estranho, surpreso, pois, de repente Maria Francisca parecia uma outra mulher à sua frente. Talvez os entendidos em candomblé enxergassem nela um orixá. Vendo-a naquele momento poderiam confundi-la ou identificá-la com a Maria Padilha, a própria pomba gira, soltando o verbo e rodando a baiana. Outros, mais místicos, talvez a identificassem como uma cigana incorporada.

Com ar de deboche, Maria Francisca olhou diretamente nos olhos do padre e perguntou:

- O senhor tem certeza que tem saco para ouvir tudo o que eu tenho a dizer. O ato de se confessar é assim mesmo? Todo mundo tem coragem de ir a uma igreja e se

confessar assim como estou fazendo? – Eram tantas as perguntas que Frei Vicente ficou balançando a cabeça, em sinal de sim, ou de não, até o momento em que ela se calou e ele disse:

- Minha filha, não existe fórmulas de confissões. Cada indivíduo é uma pessoa, com sua própria história, com suas crenças, defeitos e virtudes. Cada um peca de acordo com sua consciência. Eu não posso nem definir para você o que seria mesmo o ato de pecar, mas posso adiantar, de uma maneira geral, que o pecado é a desobediência à lei de Deus. Cada ser vivente identifica o seu ato de pecar, quando sua atitude, sua ação o leva a ter dor de consciência. Devemos evitar os sete pecados capitais – disse enumerando-os: a soberba, a luxúria, a gula, a ira, a inveja, a preguiça e a avareza –. Além disso, devemos preservar os dez mandamentos da Lei de Deus – advertiu, enfatizando as palavras –. Quando agimos contra algum dos Mandamentos e cometemos algum dos sete pecados capitais – continuou – podemos dizer e ter a certeza de que estamos pecando. Os Mandamentos são: Não matarás, Não adulterarás, Não furtarás, Não dirás falso testemunho contra o teu próximo, Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo...

- Então – disse Maria Francisca interrompendo o padre, sem deixá-lo concluir a relação dos Mandamentos da Lei de Deus – eu sou o protótipo da pecadora contemporânea. Pois acho que só não fiz mesmo foi matar e roubar. Será que vou ser perdoada por cometer os mesmos pecados, várias vezes e gostando de cometê-los e repeti-los? O senhor acha que Madalena também era assim, descomprometida como eu?

Frei Vicente não respondeu aos questionamentos dela. Mas, a incentivou a continuar relatando os seus pecados, pois como é dito no Evangelho Segundo São Mateus, no capítulo 18, versículos 21 e 22, que tratam do perdão do pecado cometido por um irmão, não importa quantas vezes tenha o irmão pecado, pois de acordo com a resposta de Jesus a Pedro, o pecador não deve ser perdoado apenas sete vezes, mas, até setenta vezes sete vezes se assim for necessário.

- Tá bom. Então vou contar o que eu lembrar sobre Dr. Julio Mangabeira, um dos coroaos mais bonitos que já seduzi. Bota bonito nisso aí padre! Ele realmente foi minha obra prima no campo da sedução... Ele pode integrar qualquer lista dos cem homens mais bonitos do país que algumas revistas promovem – e como se estivesse sonhando foi enumerando pausadamente e com malícia os atributos do médico – Ele possui peitorais espetaculares e peludos... uma cabeleira loura de surfista, olhos verdes puxadinhos e ... – soltando um suspiro – um sorriso cativante, com dentes lindos...

Neste exato momento Tonho se aproximou da casa para informar que estava indo para a cidade e que seria ele que a levaria para o hotel que já estava reservado. Já passava das cinco da tarde e o sol estava se pondo. Maria Francisca então combinou com Frei Vicente que estaria lá no dia seguinte entre oito e nove horas para darem seqüência à confissão. Despediu-se e acompanhou o filho de dona Josefa. Seguiram para a cidade, distante cerca de 50 quilômetros da fazenda, por uma estrada de chão batido. Foram em um jipe importado e ao longo do caminho podia-se ver o desmatamento da região, cuja vegetação natural estava sendo transformada em carvão. Muitos eram os fornos rústicos queimando lenha para transformar em carvão. Em alguns trechos chegaram a encontrar inclusive alguns caminhões transportando carvão vegetal de forma ilegal sem que o IBAMA tomasse qualquer providência e aquela situação ocorria em todo o sudoeste baiano. No trajeto, os dois não conversaram muito, pois ele estava dando carona a mais duas pessoas. Isso não impediu que ao longo do percurso, nas mudanças de marcha, Tonho não passasse a mão na perna esquerda de Maria Francisca. Percebendo a manha, ela deixou a perna ainda mais próxima do câmbio, facilitando a pegação ao mesmo tempo em que trocava furtivos olhares enquanto seus lábios exibiam um leve sorriso, dando a entender algo mais, uma promessa no ar.

Logo na entrada da cidade, Tonho fez uma parada quando os outros caronas desceram e continuaram em direção ao Park Hotel Panorâmico, onde sua bagagem havia sido deixada. No trajeto, Maria Francisca pode admirar o Rio São Francisco. A cidade de Bom Jesus da Lapa, conhecida como a Capital da Fé, está situada na margem direita do Velho Chico e recebe todos os anos, entre julho e setembro, a visita de cerca de um milhão de romeiros que para lá se dirigem para pedir graças ou agradecer as alcançadas.

Ao chegarem, Tonho sugeriu que ela tomasse um banho, descansasse um pouco e informou que passaria logo mais para pegá-la para um giro turístico pela cidade, incluindo o Santuário de Bom Jesus da Lapa. Depois do jantar curtiriam um pouco a noite do município. A sugestão foi aceita com um sorriso e um beijinho de até logo.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIAS NO RIO SÃO FRANCISCO

Maria Francisca recolheu alguns folders turísticos sobre o município na portaria do hotel e se dirigiu para o quarto. Após o banho quente, vestiu um conjunto jeans, cuja calça de cós baixo, com um gancho seis centímetros mais curto que o tradicional, bem apertada, delineava suas curvas e deixava à mostra sua barriga e seu umbigo perfeito onde um piercing com pedras preciosas havia sido implantado. Usava ainda um cinto largo de couro e um top curtinho de grife. Apesar de já estar com 30 anos e ter parido dois filhos, sua barriga parecia com a de uma adolescente e exatamente por isso ela adorava exibí-la. Prendeu os cabelos, deixando à descoberta sua bela e comprida nuca.

Enquanto aguardava a chegada do filho de dona Josefa ficou lendo os folders e aprendendo que a cidade de Bom Jesus da Lapa teve sua origem no povoamento ao redor do morro da Lapa que tem 93 metros de altura e abriga 15 grutas, numa das quais, na Gruta Sagrada, foi montado, em 1691, um santuário de oração, uma verdadeira igreja natural. Conta a história que o peregrino português Francisco Mendonça Mar foi quem implantou a devoção ao Bom Jesus Crucificado e à Nossa Senhora da Soledade. Depois de 13 anos de penitência, o português que havia se dedicado a uma atividade missionária, regressou a Salvador onde foi ordenado sacerdote, assumindo o nome de frei Francisco Soledade. O santuário abriga o túmulo do padre e uma réplica de seu crucifixo, além de milhões de ex-votos lá deixados pelos romeiros. As festividades de Bom Jesus da Lapa vêm sendo realizadas há mais de 300 anos e a cidade apesar de não ter nenhuma característica de centro turístico, comercial ou industrial de importância, e de estar a mais de 800 quilômetros de Salvador é conhecida nacionalmente por conta do Santuário do Senhor Bom Jesus que ficou famoso graças às romarias.

Estava tão concentrada na leitura que demorou a perceber que estavam batendo à sua porta. Levantou-se rapidamente e ao abri-la deparou-se com uma jovem que veio chamá-la:

- Você é Maria Francisca? Arrudinha está esperando lá embaixo! – disse a moça.
- Quem ? – Estranhou Maria Francisca.
- O Dr. Antonio Arruda, filho de dona Josefa. – respondeu.
- Ah! Tonho, sim. Me desculpe só agora entendi... Arrudinha filho do coronel Arruda. OK! OK! Vamos lá – disse Maria Francisca.

No jipe sem capota estavam mais duas moças da região com Tonho que foi logo gritando:

- Vamos lá garotas que a noitada vai ser boa. Vamos dar um giro na cidade, que não é lá grande coisa por causa da pobreza, mas o Santuário é lindíssimo e atrai muitos turistas, além de romeiros. Vamos visitá-lo antes do jantar, pois a iluminação que o governo instalou já permite que as grutas possam ser visitadas à noite. – Deu partida no veículo e ao mesmo tempo foi apresentando as meninas:

- Maria Francisca já conheceu Leila, que foi te chamar. As outras duas são Juliana e Mercedes. Ju é filha de um grande cabo eleitoral no município e Mercedes é prima dela. Vieram passar o fim de semana – explicou Tonho.

Maria Francisca, macaca velha, logo percebeu que as meninas, as amiguinhas de Tonho, apesar de novinhas, eram da pesada e integravam com ele um quarteto que prometia uma noite divertida e prazerosa. Juliana era do tipo “mignon”, devia ter no máximo 1,60 de altura. Bem roliça, loura, olhos grandes e lábios carnudos. Mercedes era a mais calada, uma morena que contrastava das outras pela altura, 1,80 ou mais, e por ter um corpo atlético, musculoso. Era bonita, mas um tanto quanto esquisita e o timbre de sua voz era forte e gutural. Estava usando um boné, por baixo do qual fugia os cabelos bem pretos e longos, presos num penteado conhecido como rabo de cavalo. Leila, que a fora buscar no quarto, era uma mulata cabo verde que se destacava pelos traços exóticos de seu rosto e pelos olhos inquietos que deixavam transparecer muita curiosidade e inteligência. Enfim eram três mulheres bonitas aparentando uma idade comum entre 23 e 25 anos. Ela percebeu também que havia muita intimidade entre elas e Tonho que fez de tudo para ambientá-la ao grupo, deixando-a bem à vontade. O papo era alegre e logo surgiram, dentro do jipe, algumas latinhas de cerveja que estavam acondicionadas num isopor com gelo.

- Maria Francisca! – disse Tonho – Você que está conversando com Frei Vicente, deve saber que ele é tão santo quanto o frei Soledade. Se você veio aqui em busca de perdão ou de uma graça vai descobrir que a gruta de Bom Jesus é milagrosa. Aqui contam muitas histórias de aleijados que voltaram a andar e cegos a enxergar. Dizem que aqui até os inimigos se reconciliam e tem romeiro que se arrasta tanto no chão, andando de joelhos que não agüentam o tranco e acabam morrendo só de tocar o chão sagrado. É tem muitas histórias, mas acontece que ninguém sabe é se realmente alguém morreu e se morreu de emoção, de fome ou do esforço feito. Na verdade, este município só sobrevive graças ao santuário, porque a pobreza aqui impera... – fez uma pausa e apontando para os lados, cheios de barracas, hotéis, pensões e pousadas modestas, acrescentou – isso aqui, na época da romaria é uma loucura. Os romeiros se abrigam até nas grutas. Há muito fanatismo e miséria entre os devotos que ainda são explorados. A mendicância aqui é um trabalho rendoso e tem muito farsante explorando a piedade alheia. O caminho que nos

leva à gruta fica cheio de pedintes e a cantoria dos romeiros e dos mendigos enchem o ar. É uma confusão danada. Só dá pra gente vir aqui antes do período das romarias, que começam em 28 de julho e vão até o dia 6 de agosto.

De repente chegaram à esplanada localizada em frente à Igreja de Bom Jesus da Lapa e sua gruta sagrada, que havia sido reformada recentemente pelo governo do Estado da Bahia. Os novos serviços incluíram uma ampliação da esplanada com a construção de uma nova praça com vários boxes comerciais destinados à venda de objetos religiosos. Para o conforto dos romeiros, vindos de vários municípios nordestinos foram instalados uma bateria de sanitários públicos, inclusive aqueles destinados aos deficientes físicos que a cada ano mais se destacam entre os romeiros. Tonho, que sabia de tudo, foi logo informando que as barracas armadas na praça principal vendiam rosários, escapulários, medalhas de Bom Jesus e folhetos de cordel e livros sobre a romaria. Maria Francisca aproximou-se de uma barraca e folheou um cordel sobre a romaria e leu um trecho que descrevia a gruta sagrada:

“Senhor Bom Jesus da Lapa
Agora deixai reparar
Nas belezas desta gruta
Para aos amigos contar
A gruta tem cinco covas
Interessantes e belas
Vosso corpo cinco chagas
O Cruzeiro cinco estrelas
Chamam: cova da Serpente
A que está perto da pia
Dos Milagres, Onça e Monge
E a nova Sacristia
Na gruta, aberta na pedra
Tudo é de pedra, bem feito!
Assentos, pias, altares...
Tem até um sino perfeito”.

E em um outro trecho leu:

“Nesta gruta é grande
E digno de admiração
O ateu aqui se converte
E se afervora o cristão”

Interrompeu a leitura e seguiu o grupo em direção ao Santuário. Ela observou a grande e imponente torre erguida na esplanada e sua mente suja logo a associou a um símbolo fálico. Poucas pessoas encontravam-se no local. Segundo Tonho isto acontecia “porque

não estávamos ainda na época da festa e a cidade da Lapa fica despovoada e na letargia de sempre.” Na gruta, Tonho assumiu a liderança de um guia e foi mostrando e falando de tudo. Quando chegaram à sala dos ex-votos, Maria Francisca ficou impressionada com a quantidade de peças ali expostas. Ela conhecia a da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador, mas nunca tinha visto uma quantidade tão grande como aquela e ficou imaginando que se cada peça daquela era uma cura, muitos milagres ocorreram e ela também poderia ser curada. Parou de andar e seus olhos correram por cada uma daquelas peças tentando identificar todas as partes do corpo curadas. Tentou visualizar algum pênis de gesso, cujo dono poderia ter recebido a graça de ter curado uma doença grave ou recuperado a potência perdida. Ela tinha conhecimento que um médico de Salvador, um legista famoso, tinha uma coleção de ex-votos em formato de pênis (de todos os tamanhos e de materiais diferentes, de gesso, cera, ferro e madeira), que ele, ou seus amigos, recolhia de pequenas capelas do interior, ali deixados em agradecimento pelas graças alcançadas. Mas, ali, no Santuário de Bom Jesus, ela não viu nenhum. E nestes devaneios pensou que tipo de promessa ela faria para se curar do vício sexual e se auto perguntou: “Será que terei que mandar confeccionar uma xereca de gesso para depositar nesta sala se eu ficar curada?” Não teve, naturalmente, resposta a este questionamento. Seus pensamentos foram interrompidos pela voz de Tonho:

- O grande problema que temos na Lapa é que o turismo religioso não satisfaz às necessidades do comércio local porque os romeiros pouco gastam na cidade apesar de milhares deles andarem por aqui. Penso que o ideal seria aproveitar a beleza do Velho Chico e implantar projetos turísticos. A prefeitura poderia, por exemplo, criar um balneário aqui no município.

À saída da gruta, quando se afastaram um pouco e de um local que tivessem uma vista completa do morro, Tonho voltou a demonstrar seus conhecimentos sobre o município:

- Daqui podemos admirar – disse virando-se e todos seguiram seu exemplo – o maciço de calcário de noventa e tantos metros de altura, recortado em galerias e grutas. Este penhasco está coberto pela vegetação natural dessa região do sertão. Se prestarmos bem atenção – disse apontando - o morro parece um pedaço de montanha calcária isolada na planície. Observem que a base dele está quase dentro do rio São Francisco. Nas margens do rio, podemos encontrar inúmeros tipos de cactos, bromélias de espinhos e minaretes das mais variadas formas.

Tonho também falou sobre o Velho Chico, demonstrando ser um estudioso da região. Explicou que o São Francisco era considerado o rio da integração nacional e representava a principal hidrovia, entre a cidade mineira de Pirapora e Juazeiro, na Bahia. Revelou suas preocupações com os problemas do rio:

- O desmatamento das matas ciliares e o assoreamento são os inimigos deste rio. Em alguns trechos o assoreamento praticamente está impedindo a navegação e para piorar seus três maiores afluentes (os rios Verde Grande, o Salitre e o Ipanema) deixaram de ser perenes devido ao assoreamento. Tenho acompanhado com preocupação – disse com a voz carregada – a lenta agonia do rio e pretendo lutar por sua revitalização. O governo precisa recompor, com urgência, a mata em torno do leito principal e nos afluentes, além de providenciar o saneamento básico dos municípios ribeirinhos para evitar a contaminação das águas.

- É – disse Maria Francisca – tenho lido nos jornais e ouvido na televisão que o governo federal está querendo fazer a transposição das águas do São Francisco. Eu sou contra e acho que isso é um crime mortal contra o rio. Li uma reportagem que falava sobre os problemas do rio, dizendo que ele já perdeu mais da metade das espécies de peixes que tinha anos passados.

É verdade! – enfatizou Tonho – A última grande cheia do São Francisco ocorreu em 1979, quando entrou em operação a Usina de Sobradinho. Você não pode imaginar os problemas surgidos depois da barragem de Sobradinho. Como qualquer ecossistema, o Velho Chico é um ambiente em que uma única alteração pode acabar provocando uma série de problemas. O sumiço de peixes, que antes desovavam nas lagoas que desapareceram com a barragem, é um deles. Se não tomarem providências, o rio vai acabar morrendo de uma vez e várias espécies de peixes vão continuar desaparecendo. Como você, Maria Francisca, também sou contra a transposição. Estou com a posição do bispo de Barra, Dom Luiz Flávio Cappio que, inconformado com as notícias sobre a transposição das águas do Rio São Francisco, resolveu fazer uma greve de fome contra este projeto mirabolante do governo. Pelo menos com sua atitude o bispo conseguiu que o projeto fosse adiado. Imagine só – advertiu – sem a transposição a vazão na foz do rio encolheu 30% devido ao desmatamento e à construção de represas e usinas – e lançou no ar a pergunta –, o que vai acontecer se a obra for realmente feita?

Maria Francisca, que estava na cidade pela primeira vez, sentiu-se gratificada com a beleza do local que parecia mais bonito ainda devido ao fato de estarem numa noite de lua cheia. Uma lua tão bonita que Tonho propôs que eles poderiam ir jantar e depois dar uma volta de lancha pelas águas do Velho Chico. Todas as meninas concordaram com a proposta romântica.

Em um restaurante, localizado na avenida à margem do rio, jantaram um peixe típico da região: surubim na brasa com farofa d'água e arroz. Após o jantar foram andando em direção ao embarcadouro onde tomaram a lancha para o passeio. Tonho recomendou que todos ficassem à vontade e que ele já havia providenciado mais cerveja e um violão para a noitada. O ronco da lancha invadiu o silêncio da noite enquanto um vento frio batia do rosto de Maria Francisca que soltou os cabelos.

Apesar de conhecer o rio, pois morou em Juazeiro, sua tia nunca deixou que tomasse banho nele, ameaçando com perigo de doenças e a possível presença de piranhas. Por conta disso, Maria Francisca só aprendeu a nadar, e já adulta, quando deu para frequentar as farras, verdadeiras orgias que alguns políticos e empresários ligados a eles

promoviam numa mansão em Itapuã destinada a encontro com jovens e onde rolava muitos bacanais. As cafetinas de luxo, de Brasília, precisavam conhecer a tal casa para saber um pouco mais sobre o que rolava ali e não eram profissionais no sentido lato da palavra, mas que acabavam se prostituindo também em troca de emprego, presentes e boa vida como acompanhantes nas viagens que os homens faziam tanto no Brasil como no exterior.

Enquanto sentia o vento do rosto, Maria Francisca sorria discretamente das lembranças do tempo em que freqüentou a mansão de Itapuã: Entre os freqüentadores da casa, tinha um deputado desmarcado que certa feita levou uma garota lá e se deu mal, pois quando ela conferiu o tamanho da jamanta, pulou fora do quarto com medo e ele saiu correndo atrás dela gritando: “Não tenha medo não! Não Fuja! Bata pelo menos uma punhetinha...” E a moça dizia: “Qual é meu! Quem gosta de mim sou eu. Se transar com você fico toda arrebetada”... e, com as roupas ainda nas mãos, desapareceu. As pessoas que se encontravam na área da piscina, presenciaram a situação e deram boas gargalhas com o quadro patético. Essa história correu de boca em boca na Bahia, muita gente ficou sabendo do fato.

No meio do rio, Tonho parou a lancha, baixou a âncora e começaram a conversar, bebericar enquanto Juliana dedilhava o violão e cantava com sua voz macia alguns sucessos da MPB. Conversa vai, conversa vem, Mercedes se levantou e enquanto tirava a roupa propôs:

- Vamos tomar banho! Estou doida para dar uma caidinha. A água deve estar uma delícia... – foi dizendo enquanto jogava-se na água.

Preocupada Maria Francisca perguntou se naquele trecho não havia piranhas, mas não precisou ouvir a resposta, pois os outros já também estavam tirando a roupa e pulando. Ela não teve alternativa e também tirou a sua e foi dar um mergulho. Quando retornaram ao barco, Tonho serviu umas duas ou três rodadas de cachaça de Abaíra, uma das mais famosas da Bahia, para esquentar um pouco o sangue. Sentaram-se no chão do convés do jeito como estavam, completamente nus. Para Maria Francisca a situação apontava para algo mais e já imaginava o que iria rolar ali, tendo a lua e o rio como testemunhas. Era tudo o que ela queria, pois já tinha tido experiências em alto mar, nas praias e areias de Itapuã, mas nunca tinha feito um programa no meio do São Francisco. A noite prometia. De repente ela viu Ju e Mercedes se agarrarem como se já estivessem acostumadas, enquanto Tonho e Leila se aproximaram dela e começaram uma sessão de bolinação. Ela gostou, pois Leila, a cabo verde, tinha uns beijos ardentes e sabia usar bem os lábios no meio de suas coxas. Parecia que todos estavam cronometrados, pois todos começaram a gozar simultaneamente e os uivos, gritos e gemidos, de todos juntos, era mais uma forma de excitação que tomou conta de todo mundo. Entraram em êxtase e caíram para os lados estafados com o esforço prazeroso. Quando as energias começaram

a voltar, perceberam que algo estranho estava acontecendo com Leila que se sentou, estremeceu e de repente começou a dar risadas com uma voz estranha:

- Ri! Ri! Ri! ... minina Crispina chegôôôôuuuu - dizia repetindo a mesma coisa e acentuando fortemente as palavras com voz estridente enquanto corria tocando com as mãos em todos os que ali se encontravam.

- Êpa – gritou Tonho, explicando – Leila é médium e sempre incorpora essa menina. Pra gente é legal, pois ela é indiscreta e revela tudo. Ela não tem qualquer tipo de reservas... – E foi providenciar uns doces na cabine da lancha. Na volta, ele continuou as explicações com ares de quem entendia do traçado:

- Crispina é um erê, a versão feminina de Cosme. Dentro da concepção do candomblé, o Erê é um mensageiro. O erê é uma entidade infantil que faz o meio de campo, o papel de intermediário entre a pessoa e seu Orixá. Os erês são também conhecidos como orixás-crianças e por serem gêmeos estão sempre associados ao princípio da dualidade dos seres humanos. Por meio dos erês o candomblé nos mostra que tudo tem dois lados. Em outras palavras – resumiu Tonho – o erê, seja ele Cosme e Damião, ou Crispina e Crispiniana, é, na verdade, uma espécie de office-boy do mundo espiritual.

- Crispina qué bala... Crispina qué bala – dizia o erê estalando os lábios e a boca repetidamente emitindo uns sons semelhantes a tá-tá-tá... e quando viu bombons de chocolates ela avançou e tomou a caixa, abriu vários e enquanto se lambuzava toda, soltando gargalhadas dizia:

- Mininu Tonho é home retado da vida. Caba danadin. Home de muincho voto... vai chêr chefão daqui du pedaço... Vai mandar e uz home fagê tudin que ele qué.

Maria Francisca não era de todo inexperiente no assunto, pois já freqüentou alguns terreiros, fez trabalhos de amarração de homens e para conseguir fechar negócios. Aliás, ela conhecia quase todos os terreiros baianos. Mas demonstrou interesse pelas explicações de Tonho e perguntou sobre o porquê da obsessão de Crispina por doces. Assumindo uma postura vaidosa devido aos seus conhecimentos do candomblé perante suas amigas disse em tom professoral:

- Ora, todo mundo sabe que a palavra Erê vem do yorubá, que significa brincadeira, divertimento. No candomblé os erês são associados aos “Ibejis”, os gêmeos Cosme e Damião, amigos das crianças. Conta-se que eles conseguem agilizar qualquer pedido feito ao mundo espiritual em troca de doces, chocolates e outras guloseimas. No

caso dos meninos, por exemplo, Cosme significa “o enfeitado” e Damião é “o popular”. Por isso quando convido Leila para sair comigo eu sempre levo alguns doces e presentinhos bestas como bolas ou bonecas, pois nunca sei quando ela vai incorporar e como ela sempre me dá boas notícias eu sempre tenho à mão alguns chocolates, pois a Crispina adora. Enquanto ela come não fala muita coisa, mas quando acabar, tanto responde a qualquer pergunta que agente faça como também pode começar a falar sem parar dizendo uma porção de coisas... - Então, aproximou-se de Crispina ao mesmo tempo em que chamou as moças para se sentarem em forma de círculo, deixando o erê no meio da roda.

- Ri Ri Ri Rá Rá Rá – gargalhava Crispina que parou de repente e olhando pra Tonho disparou – Óia o bilau dele... é gande, bem gandão, num é Maria? – perguntou a Maria Francisca e sem esperar resposta continuou – Ocê tumbém gosta das coisa gandona nun é? Minina Crispina chabe tudin, tudin. Ocê tumbém é danadin que nem truvãozin. Ocê gosta de fazer um mar feichto... uma ózadia. Ózada... é tão mitida a home... tumbém pudera quim manda aí na chua cabecha é echa aranha aí num meio das perna. Óia, Óia como é gande tumbém... êta que os home fica tudo doidin, doidin pur ela. Num é?

Maria Francisca riu. Todo mundo riu e Crispina continuou:

- Maria foi vê o home de cháia – RiRiRi- RáRaRá gargalhou e continuou – Home de cháia nun rijólvi póbrema chêu não. Quim manda na chua cabecha e nu chêu curachão é eche aranhão aí – disse apontando, quase encostando os dedos na xereca de Maria Francisca. – Xi tu nasxi home ia chê muntcho mais danada. Nasxeu muié mas nun deveu nadin-nadin. Êta aranhão danadu de bão, uz home faz fila qui nem minunu pra recheber bala. Fica uz home tudin babando qui nem doido. – Pulou para um lado e para o outro e como até aquele momento ninguém havia feito perguntas ela continuou a falar:

- Minino Tonho qué chêr chefão. Minino Tonho vai chêr chefão todo puderoju. Vai tê muinchta guimba e pudê comprar balalate pra Crispina. Crispina prumete e cumpre.

Juliana e Mercedes estavam quietas, só ouvindo os recados de Crispina que se voltou para elas e disse:

- Mocha Ju vai xi amarrar com uns home de fora. Home de cháia vai cazar ela. Num demora nadinha pru mode um barrigão de mininus Cosme e Damião. Tumbém pudera o pai é chafado e nun dá prenda pra nóiz. U chafadu tem qui dá caruru, bala e balalate pra nós, rapidin, pois nun demora nadinha pros cosmin chegá. Barrigão vai chegar antes do home de cháia artorizar. Xi cuide mocha Ju! Xi cuide! – e virando-se novamente para Maria Francisca perguntou:

- Maria qué preguntá, nun é? Eu chabo... ela qué chaber dus fio dela, nun é?

- É Crispina, eu quero saber como estão meus filhos, Carlos, que tem 16 anos e Ana Lucia tem 14 anos – disse Maria Francisca.

-Vixe! Uz mininus chãu igúau a mãe. Tudo cabecha virada. U mininu bunitão, gandão já tá prontano coisa com az muié qui fica tudo pricurano u bunitão. Tumbém pudera prendeu tudin tudin com a mãe... - Deu uma pausa e comeu mais chocolates e continuou – balalate boa, balalate bom.... Tonho é amigo du peichú – e batia a mão direita no lado do coração e continuou sem trégua – az minina vai tchê barriga. Ocê vai chê vó. Tá ficando véia... RiRiRi- RáRáRá.

Maria Francisca ficou preocupada, mas não adiantou nada insistir nos detalhes porque Crispina não dizia. Ela estava falando com Mercedes:

- Ocê mocha gandona vai prá muntcho longe, lá nu fimzão da istrada aonde o pé de ventu vai e vorta. Vai prá longe dento dum barcão onde Crispina nun intendi nada. Uz home e az muié fala diferente. Pareche cum cachorro brigano. – E tentava imitar o som – rauisxite, rau, ruaí, rotí dógui,... – Parou um pouco e disse – Ocê fala pro meu cavalo qui Crispina vai judá ela. Minina cavalo nun vai tchê póbrema. – E de repente, da mesma forma que chegou foi-se sacolejando o corpo de Leila que aos poucos foi recuperando sua consciência.

Tonho percebeu a hora exata em que Crispina estava deixando o corpo e aproximou-se para ampará-lo, pois caso contrário Leila podia ter caído no chão da lancha ou até mesmo no rio e ainda tonta como estava corria risco de vida. Acomodou a moça em um canto onde suas costas pudessem ficar apoiadas até que ele voltasse a si. Não demorou muito e toda envergonhada ela pegou suas roupas e foi se vestir. Todos fizeram a mesma coisa em silêncio.

- Vamos para casa moçada – gritou Tonho recolhendo a âncora e colocando a lancha em movimento. A luminosidade da lua cheia cobria o rio como se fosse um manto prateado. A noite estava linda. Maria Francisca desfrutou do passeio e agradeceu a companhia de todos.

- Até amanhã Maria Francisca, venho de pegar bem cedo... às oito horas. Tá bom? – E sem esperar resposta deu partida no jipe e foi embora. Cansada, Maria Francisca dirigiu-se para o quarto, jogando-se na cama da maneira como estava e caiu em profundo sono, sonhando com as mensagens de Crispina.

CAPÍTULO 3

AS TÉCNICAS DE SEDUÇÃO DE MARIA FRANCISCA

Naquela manhã, cortada por um vento forte que formava redemoinhos, fazendo rodopiar folhas secas e sacos plásticos, Maria Francisca estava introspectiva, sem vontade de conversar muito. Tonho foi buscá-la na hora combinada. No trajeto falaram pouco apesar do rapaz continuar sendo compreensivo e simpático como no dia anterior. Ela pediu desculpas:

- Tonho, me desculpe, mas hoje amanheci ressabiada... Eu não sei nem explicar como estou me sentindo, talvez seja banzo. O fato é que estou me sentindo triste, sem vontade de conversar. Vou tentar me concentrar sobre o que vou falar com frei Vicente, pois preciso dar um jeito definitivo em minha vida. Aquilo que Crispina falou ontem sobre meus filhos me deixou preocupada.

- Ora, não se preocupe com isso não, menina. Observe que a vida é o que tem que ser. Cada um tem um destino e uma missão a cumprir. Apesar de termos o livre arbítrio para fazer as escolhas, nem sempre sabemos, na hora da decisão, qual o caminho certo realmente a seguir. E como seres humanos que somos, somos fracos e acabamos pegando o caminho mais fácil. E este nem sempre é o caminho mais curto, pois está cheio de obstáculos. Ele apenas se apresentou mais bonito, mais fácil de ser seguido, enquanto as dificuldades ficaram ocultas. Muitas vezes somos acusados pelas escolhas que fazemos e outras pessoas, diretas ou indiretamente atingidas por nossas ações, ainda procuram nos punir pelas nossas falhas. Mas elas esquecem que cada um paga, aqui mesmo, todos os erros cometidos – comentou Tonho de maneira displicente e da forma mais natural possível.

- Puxa! Você está filosofando, até parece frei Vicente falando – disse Maria Francisca, que nada mais falou, enquanto Tonho continuou dirigindo e ela ficou admirando a beleza da região. Maria Francisca em seu mutismo, por algum motivo que nem ela mesma saberia explicar, lembrou-se de Beto Reis, que fisicamente parecia-se com Tonho. Ele parecia ser louco por ela. Quando se encontravam em locais públicos ele sempre se aproximava querendo desenvolver uma conversa mais amigável, mas ela sentia uma repulsa sexual por ele. Alguma coisa não batia bem. Talvez seu santo não batesse com o dele, não tinha química. O certo é que ela nunca sentiu desejos por ele devido a sua insistência, mantendo um cerco permanente. Esse comportamento tático fazia com

que ela o achasse um cara muito chato. Ela deixou escapar um sorriso quando lembrou de uma sacanagem que fez com o mesmo. Certa noite estava ela e uma amiga, num barzinho, numa noite sem movimento. Beberam muita vodca e ela não lembra bem o que aconteceu até acordar, no dia seguinte, no quarto de um motel de Salvador. Ao abrir os olhos ela viu Beto Reis sentado numa cadeira colocada em frente à cama onde elas haviam dormido.

- Que porra estamos fazendo aqui? – perguntou irritada e quase gritando Maria Francisca, acordando sua amiga.

- Calma Maria Francisca – disse Beto Reis, acrescentando – Eu vou explicar. Vocês beberam muito e praticamente desmaiaram lá no bar. Precisei da ajuda do garçom quando fecharam o bar, para colocá-las no carro. Como você nunca me disse onde morava eu não sabia para onde levá-las. Então, eu as trouxe para o motel onde pelo menos poderíamos dormir. Mas, veja – ressaltou com ênfase – eu não abusei de vocês. Eu respeitei as duas.

Neste instante Maria Francisca se deu conta realmente que tanto ela como a amiga estavam completamente vestidas e intactas. Raivosa partiu para cima de Beto:

- Você é um imbecil mesmo. Eu já te disse que não quero nada com você e você fica insistindo, porra! Que cara mais cara de pau – disse Maria Francisca, enquanto Beto surpreso procurava uma saída:

- Mas, Maria Francisca, eu gosto de você. Eu a respeitei e não lhe fiz mal.

- Não fez porque não quis. Perdeu a oportunidade seu babaca – agrediu Maria Francisca – e vamos logo embora daqui...

Calma Maria Francisca – procurou temporizar sua amiga, mas não adiantou nada. Ela estava possessa. Pegou a bolsa, abriu a porta do quarto e saiu andando mesmo deixando os dois para trás. Ela abandonou o motel e foi embora. A partir daquele dia nunca mais soube de Beto Reis.

Ali, nos solavancos do jipe, na estrada esburacada, Maria Francisca lembrou-se desta sacanagem que fez com o rapaz e sentiu-se arrependida. Ela não sabe o motivo de sua aversão a Beto Reis. Nunca entendeu, pois ele é bonito, tem dinheiro, um bom emprego, mas alguma coisa nunca bateu legal naquele cara em relação a ela. Logo ela que encarava o sexo da maneira mais natural possível e que gostava de trepar por puro prazer. E ficou pensando e se auto-interrogando: O que será que me afasta dele? O que será que Beto tem que me causa nojo? Sinto uma repulsa da porra em relação a ele! Preciso descobrir a razão desse problema. Envoltas em seus pensamentos chegaram à

fazenda do coronel Arruda. Tonho a deixou na porta da casinha onde frei Vicente já a aguardava e desapareceu.

Ao saltar do jipe, Maria Francisca estava mais tranqüila, mais segura de si, para continuar suas confissões com frei Vicente. Ela vestia uma calça saint-tropez, de cintura baixa, que deixava parte de sua barriga à mostra, vislumbrando-se inclusive um pedacinho de uma tatuagem na virilha direita. Uma camiseta curta e justa delineava seus seios sem sutiã. Um camisão jeans foi colocado por cima dos ombros. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo e os óculos escuros colocados na cabeça como se uma tiara fosse. Quando começou a subir os degraus da casa frei Vicente foi dizendo:

- Bom dia minha filha. Espero que tenha dormido bem. – Olhando-a diretamente nos olhos – perguntou: por que você está triste? Seus olhos não mentem. O que aconteceu? Lembre-se que uma confissão como esta, que você está fazendo, é como se fosse uma catarse ou até mesmo um processo de auto-análise. Você bota tudo para fora para depois entender e arrumar sua cabeça e sua alma. Conscientize-se de que o que estamos fazendo é como se você fosse fazer uma reforma em sua casa sem que você saísse da mesma. É uma bagunça danada, pois tem quebra-quebra, derrubada de paredes, substituição dos revestimentos e dos pisos, os móveis são arrastados e empilhados. Enfim uma bagunça, mas quando as coisas começam a ficar prontas, cômodo por cômodo, você vai arrumando, arrumando e de repente a casa está pronta, toda nova, pintada e com os móveis no local que sempre estiveram. A reforma dá uma nova vida à sua casa. A confissão segue exatamente este mesmo princípio. Você conta, entende o fato, se arrepende, arruma sua cabeça, toma novas decisões, encontra novos motivos para viver e parte resoluta para uma nova etapa de sua vida completamente curada dos problemas que afligiam sua alma. É dessa maneira que você deve considerar esta experiência que você está tendo neste fim de semana. Espero que estes três dias sejam suficientes para que você se encontre com Deus, obtendo dele o perdão e a cura que você procura. É preciso muita sinceridade. É preciso que você se abra, deixando vir à tona todos os impulsos, vivências, desejos e constatações. É preciso que você aceite seus próprios erros, mas também é necessário reconhecer seus próprios valores e acertos na vida.

Maria Francisca ouviu as palavras do padre com muita atenção. Acendeu um cigarro e pensou que deveria então começar o dia contando como conquistou o médico Julio Mangabeira:

- Pois bem, hoje eu vou começar com a conquista de Dr. Julio Mangabeira, um dos homens mais bonitos que já conheci – disse e se transportou, em pensamento, para Feira de Santana, a segunda maior cidade baiana, onde começou sua aventura.

- Eu estava visitando um cliente em Feira, quando vi um cartaz anunciando uma palestra sobre cirurgia plástica que seria feita no salão de convenções do Palace Hotel. O cartaz trazia informações sobre a palestra, o dia e a hora do evento que era promovido por uma clínica local. Fiquei admirando a foto sorridente daquele médico e comecei a sentir uma verdadeira paixão. Um fogo percorreu meu corpo e naquele exato momento eu passei a ter a certeza de que aquele homem tinha que ser meu. Senti firmeza em sua expressão e não conversei. Tomei nota das informações e pelo telefone mesmo fiz minha reserva para ouvir sua palestra que seria sobre cirurgia plástica vaginal – Ela ia falando ao mesmo tempo em que dava a impressão de que estava diante do médico. Sua voz e sua expressão facial tinham se transformado. Frei Vicente ouvia e ao mesmo tempo acompanhava os gestos de Maria Francisca, pois ela gesticulava, saltitava com a leveza de uma bailarina e isto tudo só porque estava se lembrando do médico.

- No dia da palestra, padre, imagine só, fui dirigindo e ouvindo Rita Lee cantando “Agora só falta você” – e começou a cantarolar trechos da música “Um belo dia resolvi mudar/ E fazer tudo o que eu queria fazer/ Me libertei daquela vida vulgar/ Que eu levava estando junto a você.” Aquela música era um prenúncio de mudança. Eu sabia que tinha que dar o melhor de mim para atrair a atenção daquele homem e não fiz por menos. Vesti uma roupa de tecido maleável, que grudava em meu corpo o que deixou minhas curvas bem evidentes. O vestido preto também apresentava generosos decotes. Eu sabia que chamaria atenção, que atrairia olhares de admiração e estava disposta a circular em todos os locais do evento com este objetivo e foi o que fiz.

Frei Vicente ouvia o relato com atenção, deixando Maria Francisca fluir naturalmente sem interrupções.

- Para completar o quadro daquela noite usei o perfume Theorema, da linha Fendi, que combina jasmim com canela e pimenta rosa – disse observando o padre que deixou transparecer um sinal de curiosidade que não passou despercebido de Maria Francisca:

- Ah! O senhor ficou interessado, não foi? Como é que pimenta, canela e jasmim, uma mistura dessas pode se transformar num perfume, não é mesmo? – E, ao notar a confirmação do padre que balançou a cabeça afirmativamente, ela continuou – O senhor não pode nem imaginar, pois esta mistura é considerada pelos especialistas como um dos

mais potentes afrodisíacos do mundo dos cosméticos. Como eu havia comprado por curiosidade, resolvi experimentá-lo naquela noite.

- Mas, devo revelar ao senhor que a partir do momento em que fiz minha reserva para assistir a palestra aberta ao público em geral, principalmente o feminino e não apenas para médicos, procurei fazer uma pesquisa na Internet sobre o palestrante e o tema de sua palestra. Queria impressioná-lo com meus conhecimentos e possíveis perguntas sobre o tema.

Devido às suas constantes viagens de trabalho pelos municípios baianos, Maria Francisca teve a oportunidade de ler e guardar uma entrevista publicada pelo jornal *A Região*, de Itabuna, com o médico Alexandre Randow, do Hospital Bartolomeu Chaves, de Ilhéus. Ela releu a reportagem, publicada no ano de 2003 com o seguinte título “A cirurgia plástica vaginal desperta interesse”, na qual o médico declarava que a cirurgia plástica vaginal serve para mudar “os contornos ou o tamanho da vagina e da vulva (a parte de fora dos órgãos genitais, que inclui os grandes e pequenos lábios)”, ressaltando que “esse privilégio não é só das mulheres. Os homens também andam interessados no assunto” devido as possibilidades de aumentar ou engrossar o pênis. Ela ficou interessada porque o médico falava também sobre os homens e a palestra de Dr. Julio seria sobre plástica vaginal e ela poderia provocar o assunto. No caso dos homens o médico ilheense afirmava na entrevista que a maioria dos homens que procura este tipo de cirurgia deseja aumentar ou engrossar o pênis:

“Para aumentar o comprimento, corta-se o ligamento que dá sustentação ao pênis. O aumento não ultrapassa a três centímetros, mas a ereção vai apontar para baixo, o que pode dificultar a penetração. Já para aumentar o diâmetro se utiliza a lipoescultura, onde injeta gordura ou colágeno embaixo da pele. Os riscos são grandes, porque pode criar nódulos e até necrose do enxerto, quando o tecido morre e é preciso retirá-lo”. – disse o médico.

Maria Francisca já havia lido muita coisa sobre cirurgia plástica vaginal, não que ela precisasse de uma, mas por curiosidade mesmo. Aliás, ela comparava a sua vagina com as das mulheres mais bonitas do planeta exibidas pela revista *Play-Boy* e o resultado é que sempre ficou satisfeita com a sua, em todas as formas e características. Este não era um problema seu. Mas era curiosa e já tinha até gravado uma entrevista do Dr. Murilo Caldeira Ribeiro, concedida no programa de Jô Soares, na rede Globo de Televisão. Ela

localizou a fita gravada e assistiu novamente a entrevista do precursor da cirurgia plástica vaginal no Brasil. Recordou que a técnica da plástica da intimidade feminina foi desenvolvida pelo médico francês Jean Pierre Fournier. Para se preparar para o evento ela leu também a revista “Plástica & Beleza”, onde uma cirurgiã plástica, Dra. Loriti Brevel, havia escrito um artigo no qual afirmava que as mulheres estão procurando fazer plástica vaginal para corrigir problemas estéticos porque “uma vagina mal-constituída causa transtorno físico e psicológico na mulher”. Ficou sabendo também que as principais operações são de hipertrofia dos pequenos lábios e de alargamento vaginal.

- Foi assim, padre, que fiquei sabendo de tudo. Durante uma semana pesquisei e li tudo o que me caiu nas mãos sobre cirurgia plástica vaginal. Assim eu fiquei pronta para participar da palestra de Dr. Julio e chamar a atenção dele. Ele tinha que cair em minha rede e tudo ia depender deste primeiro momento. Eu tinha que causar uma boa impressão e causei – deu uma gargalhada de satisfação, de vitoriosa.

Sentou-se em frente ao padre, que continuava atento ao seu relato sem pestanejar, mas demonstrando claramente que estava interessado e acompanhando com atenção redobrada todas as revelações que ela estava fazendo. Retomando a palavra Maria Francisca declarou:

- Há quem diga que sou uma predadora sexual simplesmente porque me comporto como os homens quando parto para uma conquista. No entanto, não me considero machista apesar de contabilizar várias conquistas e de ter vivido inúmeras aventuras e conquistado todos os homens que desejei. – Dando uma pausa perguntou: E o senhor o que acha disso?

Frei Vicente foi tomado de surpresa. Não esperava ser interrogado quanto às suas observações e evasivamente respondeu:

- Creio que as mulheres também precisam entender os mecanismos de comunicação masculinos afim de não considerarem como ofensa pessoal a atitude deles quando no jogo da conquista. Você parece conhecer bem as atitudes masculinas e por isso sabe como agir dentro ou fora do *script* dos sonhos deles, não é? Neste caso, acredito que você considera a fantasia como essencial, pois serve para reascender a relação de suas aventuras, ao mesmo tempo em que ajuda você a se encontrar com seu próprio corpo e com sua mente que procura sempre quebrar os tabus, não é isso?

- Êta, padre!... Eu não tinha pensado ainda nisso, mas acho que o senhor bateu o retrato. Acho que é assim mesmo que minha máquina sexual funciona. – E após um breve silêncio continuou:

- Fui à palestra de Dr. Julio em companhia de uma amiga, a Goreth Sampaio, que pretendia fazer plástica vaginal. Na verdade, coitadinha, ela precisava mesmo, pois tinha lábios vaginais muito grandes. Naturalmente que naquela noite despertei o desejo dos homens e a inveja de muitas mulheres presentes. Como diz a Danuza Leão “toda mulher tem inveja de outra quando é insegura e acha que a outra é mais bonita e faz mais sucesso. Mulher segura não tem inveja. Só não tem inveja de ninguém quando se acha o máximo”. E naquela noite praticamente todas as mulheres presentes tinham algum tipo de problema vaginal, penso eu, enquanto eu estava ali não interessada em cirurgia, mas o que eu queria mesmo era literalmente comer aquele homem lindo, levá-lo para minha cama e realizar todas as minhas fantasias.

- Após sua brilhante exposição houve um tempo reservado para perguntas. Minha amiga Goreth aproveitou para fazer perguntas com relação aos pequenos lábios hipertrofiados e os tipos de correção. Eu por minha vez perguntei, ressaltando que ele não havia abordado o assunto, se ele fazia “clitoroplastia” e o chamado “G-shot”. Respondendo a Goreth, Dr. Julio disse que a pergunta dela estava relacionada com a maior queixa das mulheres brasileiras, pois uma em cada mil possui este problema que pode ser resolvido facilmente nos consultórios.

- Trata-se de uma cirurgia simples, com anestesia local e a intervenção dura em média apenas 30 minutos. Na Labioplastia – disse Dr. Julio com a segurança de quem já realizou várias delas – dos pequenos lábios é feita uma ressecagem, para redução dos mesmos. O excesso de pele é cortado e a sutura deve ser feita com fio absorvível. Trata-se de uma cirurgia simples e rápida que corrige o problema, devolvendo a auto-estima à mulher, que passa a ter um comportamento mais alegre e confiante em seus dotes, permitindo-lhe usar novamente um biquíni e calças mais justa sem qualquer problema.

- Voltando-se para mim – contou Maria Francisca com uma voz cheia de satisfação – de forma profissional e controlada para não evidenciar como despertei sua atenção masculina, ele pausadamente disse: A pergunta dessa jovem encantadora presente na platéia, usando corretamente os nomes técnicos é de extrema oportunidade, pois envolve dois pontos polêmicos, mas que tem despertado a curiosidade e o interesse tanto da classe médica como das mulheres interessadas em aumentar seus respectivos orgasmos: a Clitoroplastia e o *G-Shot*. A Clitoroplastia é uma cirurgia simples que livra o clitóris do seu capuz de mucosa em excesso, provocando uma maior exposição nos contatos sexuais, o que na crença de muitos pode facilitar o orgasmo feminino. Esta é a questão mais polêmica. Isto porque muitos profissionais já admitem que a melhoria do

prazer sentido pela mulher submetida a tal cirurgia está mais relacionada com as modificações psicossomáticas do que com a cirurgia propriamente dita. A cirurgia, na verdade, contribui para libertar a paciente das inibições sexuais que ela sentia e por isso acredita que foi o resultado cirúrgico que passou a influenciar no seu rendimento de prazer obtido. Com relação ao *G-Shot*, este método não obteve ainda uma comprovação científica aceitável de sua eficiência. O método consiste na injeção de um colágeno especial no ponto G, aumentando a capacidade da mulher de alcançar orgasmos mais fortes. – E antes de concluir sua resposta, voltou-se em minha direção e olhando-me diretamente nos olhos disse em tom de galanteio: – O que naturalmente não tem nenhuma relação direta com o interesse despertado pela jovem que fez as perguntas, pois ela transpira sensualidade e não deve ter problemas para satisfazer seus desejos. Nesta noite ela foi uma das atrações para os presentes não apenas pela sua elegância, como também pelas perguntas feitas, o que revela um conhecimento pormenorizado do assunto, levando-me a crer que também atue na área médica – concluiu sondando publicamente qual era a minha.

- Agradeço o galanteio. Confesso que sou uma curiosa no assunto plástica vaginal, mas infelizmente não sou da área médica, mas tenho vários amigos do setor e gostaria imensamente de tê-lo entre eles. Seria uma grande satisfação poder desfrutar de sua amizade e poder trocar idéias e matar minha curiosidade – respondeu Maria Francisca com uma voz pausada, sedosa e quente, sem deixar de olhar Dr. Julio nos olhos.

Todos bateram palmas. O evento continuou ao ar livre, ao lado da piscina, onde foi servido um coquetel. Maria Francisca conseguiu aproximar-se de Dr. Julio, aceitando o convite para aparecer em Salvador, em seu consultório para continuar o bate-papo. Ela acreditou que o peixe tinha mordido a isca e ficou sabendo que o melhor dia da semana para visitá-lo era segunda-feira, quando ele só atendia no turno matutino.

- Padre – disse Maria Francisca – ele caiu direitinho e a partir de então eu armei um novo plano. Levantei todos os dados sobre ele, onde morava, o trajeto que fazia entre sua residência e o consultório. Identifiquei seus principais passos e rotinas. Para tanto, passei uns 15 dias seguindo-o de carro, sem que ele notasse. Até os restaurantes freqüentados, as bebidas e iguarias adquiridas em lojas de importados, o nome da mulher, dos filhos e dos cachorros eu fiquei sabendo. Fiquei sabendo de tudo sobre ele. Na verdade eu também contratei um detetive particular para me ajudar a levantar todos os dados que me seriam úteis na conquista.

- Que horror minha filha! – exclamou frei Vicente – você teve coragem de fazer tudo isto só para conquistar esse homem?

- Horror coisa nenhuma padre! Eu apenas fiz uma pequena pesquisa de mercado. Fiz um diagnóstico da situação, planejei e executei as principais ações do plano. O importante para mim é obter sucesso em minhas empreitadas e conquistar este homem era o meu objetivo. Concentrei fogo no alvo e consegui. Fiquei sabendo, entre outras coisas, por exemplo, que apesar de bom palestrante, com domínio da fala e do público, com piadinhas pré-selecionadas e ensaiadas, Dr. Julio, na verdade, era um homem tímido. Tinha fama de garanhão, mas era medroso apesar de ter se envolvido em vários casos sem maiores conseqüências. Sua timidez escondia também a personalidade de um homem fantasioso que gostava de aprontar, ou seja, ele gostava de fazer coisas fora do *script* do dia-a-dia. As coisas inusitadas atraíam sua atenção e o excitavam muito e foi exatamente por aí que eu fisgulei o peixe pela boca – disse recordando-se do primeiro encontro e de como ele ficou sem ação diante de sua investida.

- Como assim? Como é bem esta história de fazer as coisas fora do *script*? – perguntou frei Vicente com visível curiosidade.

- Ora padre – disse Maria Francisca – o que foge do *script* é exatamente aquilo que não acontece todo dia, é uma raridade, uma aventura, um risco extra, fora da rotina. Descobri que Dr. Julio, também como eu, gostava, de vez em quando, de correr riscos por causa da adrenalina. É melhor correr riscos com aventuras amorosas, que produzem muito mais adrenalina, do que praticar esportes radicais. O senhor não pode imaginar, por exemplo, quanta adrenalina circula no corpo numa transa dentro de um elevador, num trem ou num avião... Eu sei disso porque já passei por estas experiências. Isto atraía Dr. Julio e eu proporcionei a ele as chances de praticar o mal feito que ele tanto gostava e não encontrava com quem. Ele tinha uma vida muito certinha e eu entrei na vida dele exatamente para balançar o coreto e ele gostou enquanto durou. Gostou tanto que se sentia impedido de me dar um não quando deixei a fantasia comandar os nossos encontros. Ele entrava de cabeça na brincadeira e foi, por um bom tempo, um dos meus melhores parceiros até que me enchi dele – pronunciou estas últimas palavras com um tom de tristeza, talvez mais de saudade do que de tristeza ao relembrar os bons momentos que teve com Dr. Julio. – Mas, vamos continuar. Deixe-me contar como foi o primeiro encontro:

- Numa segunda-feira, conforme o combinado, eu telefonei e ele pediu que chegasse ao consultório depois das 13 horas, quando já teria atendido a última paciente e

sua atendente já deveria ter ido embora. Assim, quando cheguei ao consultório, instalado num nos prédios mais altos e elegantes de Salvador, ele já estava me aguardando:

- Então – disse ao me receber –, finalmente a pesquisadora do tema de plástica vaginal resolveu dar as caras. Que bom que tenha vindo, pois poderemos trocar mais informações sobre o assunto, matando sua curiosidade. Aliás, eu acredito que toda mulher se interessa pelo assunto porque pretende realizar alguma cirurgia. Este é o seu caso? Posso fazer uma consulta para você – disse com um tom de voz tão malicioso, que despertou novas fantasias na cabeça de Maria Francisca.

- Na verdade eu bem que gostaria de uma consulta, mas não com este objetivo, pois não encontrei ainda uma única pessoa que apontasse qualquer problema ou defeito na minha xana – disse com olhos melosos olhando diretamente nos olhos do médico, ao mesmo tempo em que passava o dedo indicador pelos lábios de forma sensual e convidativa – Você poderá conferir pessoalmente com todas aquelas lentes de aumento que deve manter próximo à cama de exames ginecológicos, mas não será hoje, pois combinamos sair para almoçar.

Julio não tinha lembrança de ter combinado nada com relação a almoço, mas numa altura daquelas, quase duas da tarde, não iria fugir do convite. Desceram para pegar o carro e saíram pela orla de Salvador. Ele dirigindo bem devagar, analisando ainda a situação e de repente perguntou:

- O que você gostaria de comer? Dia de segunda-feira nem todos os restaurantes estão abertos, salvo aqueles freqüentados por executivos, políticos e jornalistas e que são muito cheios – disse Julio.

- Ora meu amigo, eu como qualquer coisa, não sou tão exigente assim, ainda mais quando bem acompanhada. O importante é que seja em um local calmo, bem tranqüilo e sem muito movimento para que possamos conversar um pouco mais... – respondeu Maria Francisca.

- Lugar tranqüilo e calmo em dia de segunda-feira em Salvador – disse sem maiores pretensões o médico – só se for um motel.

- Por mim tudo bem – respondeu prontamente Maria Francisca, não deixando alternativas para possíveis mudanças do destino.

Julio entrou em pânico, pois nunca havia saído com alguém para um motel assim logo no primeiro momento. Ele nem ao menos conhecia a moça direito. Ele nem tinha ainda avaliado o material que estava se lhe oferecendo. E em silêncio, começou a observar, com o canto do olho, detidamente a mulher que estava sentada ao seu lado. Deu

para notar o volume dos seios duros, a nuca elegante e cumprida, um pedaço da perna e os pés delicados, calçados numa sandália vermelha com detalhes dourados. As unhas pareciam ter acabado de sair de um salão, pois estavam bem cortadas e pintadas. Aspirou profundamente, procurando identificar o cheiro do perfume que ela usava e, com um pouco mais de concentração, conseguiu sentir também o cheiro leve e natural do corpo dela. Aqueles detalhes, entretanto, não configuravam as informações que ele precisava para se arriscar num encontro como aquele que o destino estava lhe aprontando. Continuou dirigindo pela orla, dirigindo-se para a Avenida Pinto de Aguiar, onde havia a maior concentração de motéis de Salvador. Até o nome na avenida era conveniente com os motéis, onde vários pintos estavam sempre sendo guiados e com muita freqüência, a julgar pela quantidade de carros que entravam e saíam dos inúmeros motéis ali existentes.

Ao passar por um restaurante de comida baiana ele resolveu entrar em um deles, sem que Maria Francisca contestasse. Sentaram-se, pediram uma moqueca de peixe e, enquanto tomavam umas caipiroscas para relaxar, ficaram conversando sobre temas os mais variados. De repente, notando que a mão esquerda do médico estava apoiada sobre a mesa, Maria Francisca aproximou a sua e ficou acariciando-a, enquanto continuava a falar olhando diretamente nos olhos dele. Por baixo da mesa, do restaurante praticamente vazio, ela começou a esfregar, carinhosamente seu pé, livre da sandália, nas pernas de Julio que parecia ter perdido a respiração, mas não parou de conversar, nem reagiu de forma negativa, muito pelo contrário aceitou os carinhos e passou também a retribuí-los. Nada como duas ou três doses de vodca para quebrar o gelo.

Ao sentar-se Maria Francisca havia puxado o vestido longo até à altura dos joelhos o que lhe facilitava os movimentos. Julio pediu permissão para ir até o sanitário e ao retornar pode notar os belos joelhos de sua acompanhante e sentiu-se tentado a acariciá-los. Ao dar a volta à mesa para sentar-se passou junto à moça, quando se inclinou e deu-lhe um discreto beijo na cabeça, sentindo o perfume e a frescura de cabelos recém-lavados. Maria Francisca reagiu com naturalidade, pois para ela se aquilo não tivesse ainda acontecido é que seria anormal. Julio sentou-se novamente retomando a conversa e, como se sentiu encorajado, não resistiu ao seu desejo. Com uma das mãos por baixo da mesa, disfarçadamente ele procurou as pernas da moça, tocando-a cheio de cuidados e desejos. Maria Francisca se mexeu, deixando o corpo um tanto quanto deitado na cadeira facilitando a bolinação do médico.

-Você gosta disto não é doutor? Será que você é como eu? – perguntou maliciosamente, acrescentando – Por que você não estica um pouco mais sua mão em direção às minhas coxas?

Sem responder ele obedeceu e foi um pouco mais longe. Percorreu aquelas coxas macias e carnudas procurando atingir, com as pontas dos dedos, a flor que entre elas se escondia. Mais uma vez Maria Francisca facilitou o caminho, abrindo levemente as pernas para que os dedos do médico encontrassem – não uma calcinha como ele esperava, mas ao vivo e sem peças intermediárias – uma xoxota pulsante, quente e que estava molhadinha. Ele expressou surpresa enquanto Maria Francisca, que estava de olhos fixos nos dele, não perdeu tempo e disse:

- Se assustou querido? Por esta você não esperava, não é mesmo? Eu sou assim, cheia de surpresas e você só terá a ganhar se sairmos logo daqui diretamente para o motel – disse Maria Francisca.

Julio recolheu a mão e seu rosto exibia um rubor que deixou Maria Francisca contente, pois aquele era um sinal de que ela estava conduzindo e controlando a situação. Julio levantou o braço para chamar o garçom, pedindo a conta e ao baixá-lo passou os dedos junto ao nariz aspirando o cheiro que ficou impregnado neles. Gostou do perfume e sentiu-se excitado. Como médico saberia reconhecer pelo cheiro se aquela xoxota tinha alguma doença venérea ou corrimento. E pelo cheiro era sadia. Animou-se mais ainda enquanto Maria Francisca fazia questão de registrar que havia notado seu discreto gesto:

-Gostou do perfume de minha flor doutor? Ela é assim mesmo, cheirosinha e sadia. Eu sei como conservá-la assim e pronta para uso. Espero que o motel não seja muito longe, pois estou cheia de fogo e toda molhadinha – disse bem devagar, degustando cada palavra sem tirar os olhos do médico.

Julio levantou-se e foi até ao caixa efetuar o pagamento para ganhar tempo e saíram de imediato rumo ao motel.

XXX

Frei Vicente continuava atento e procurava se controlar para não se perder na história de Maria Francisca, cheia de nuances e de riscos inclusive para ele. Aquela confissão mais parecia uma provação que Deus colocara em seu caminho. Maria Francisca realmente era o demônio travestido em mulher e aquilo mais parecia uma

provocação, uma tentação aos seus compromissos com a fé, com a religião e seus votos de castidade. Escutava, mas procurava não ouvir para não entrar no clima. Rezava segurando firmemente seu terço de olhos fechados.

- Pois é padre – disse Maria Francisca – foi assim que consegui seduzir e levar Dr. Julio Mangabeira àquele motel. Eu estava tão ansiosa quanto ele que nem lembro o nome do motel daquele primeiro dia. Até porque, depois de algum tempo eu percorri os melhores motéis de Salvador em sua companhia, durante o tempo em que ficamos nos encontrando e curtindo uma série de fantasias...

Naquele exato momento seu relato foi interrompido pela chegada de um menino na varanda avisando que estava na hora do almoço e que dona Josefa estava aguardando os dois. Quando o prato que seria servido no almoço foi anunciado, uma moqueca de peixe do São Francisco, a troca de olhares entre frei Vicente e Maria Francisca foi inevitável.

XXX

Após o almoço, com a ausência de Tonho e do Coronel Arruda, os dois retornaram para a casinha, sentaram-se na varanda que, apesar de na sombra e fresca, vez por outra recebia uma lufada de vento quente. O sol estava a pino e devido ao calor nenhum animal podia ser visto nas proximidades. Apenas ouvia-se o mugir das vacas e o latido dos cachorros. Frei Vicente parecia bem disposto, pois logo se acomodou em sua cadeira, puxou uma outra cadeira de braço para perto dele a fim de que Maria Francisca pudesse sentar-se mais próxima e recomeçar a confissão. Esta atitude não passou despercebida de Maria Francisca que ficou com um sorriso zombeteiro preso nos lábios, mas nada comentou. Sentou-se, cruzou as pernas e acendeu um cigarro e antes de recomeçar deu um longo suspiro e disse:

- Pois é padre... Foi assim que conquistei Dr. Julio, que na cama se revelava por inteiro. Toda a timidez que tinha ou deixava transparecer acabava ali, entre quatro paredes. Ele adorava por em prática as suas ou as minhas fantasias. Em um de nossos encontros mensais, eu só o encontrava uma vez por mês, levei numa sacola algumas verduras, tais como pepino japonês, cenoura e cremes de massagem. Quando ele viu seus olhos brilharam.

- Mas você não tem jeito mesmo, não é Maria Francisca? Veja só o que você trouxe! Não está satisfeita com os brinquedinhos que o motel já disponibiliza? – perguntou ele.

- Bom isto vai depender de como vamos usar esta parafernália. O que valer para mim vai valer para você também. Você topa? – Disse Maria Francisca notando uma preocupação na expressão facial do médico – O que foi, está com medo de receber uma cenourinha no rabo?

- Bem não é medo, mas não me agrada – respondeu o médico que adotou uma postura até então nunca vista por Maria Francisca. Ele ficou muito reticente e logo depois disse que não estava se sentindo bem, que estava ficando enjoado, com dor de cabeça e com muita dor nas costas.

Maria Francisca não forçou a barra. Deu uma boa massagem no parceiro que não reagiu como ela esperava. Continuou fora de órbita, olhando para o relógio a cada instante e depois de duas horas que estavam no motel lembrou-se de um compromisso inadiável e que precisava ir. Chamou-a para tomar banho, vestir as roupas e, mesmo a contragosto, ela foi. Depois daquele dia, Maria Francisca começou a adiar os encontros e a relação acabou esfriando e ela decidiu não mais procurá-lo, pois o parceiro tinha chegado ao limite dele. Não queria correr novos riscos ou passar por novas experiências. Eles já tinham transado a três, com mais uma mulher, mas quando ela sugeriu um outro homem ele pulou fora e nunca topou.

- Você estava querendo usar verduras em suas práticas sexuais? – perguntou frei Vicente.

- É padre, este negócio de usar verduras como ferramenta de ajuda na transa sexual eu sempre fiz. A verdura precisa ser bem lavada e se for introduzir na vagina ou no rabo deve-se colocar uma camisinha na peça para evitar contaminações – disse Maria Francisca com ares de especialista no assunto, acrescentando – isto me lembra a sacanagem que fiz com o Zé Beltrão. Isso eu não contei ainda, contei?

- Não, mas se faz parte da confissão, vá em frente, continue. Livre-se de tudo o que a atormenta. Liberte sua mente. Vasculhe bem no fundo de seu coração e jogue tudo o que estiver armazenado para fora. Só assim você vai se libertar deste peso que carrega. Não esqueça que deve perdoar todo o mal que lhe fizeram para que você possa obter o perdão de Deus pelo mal que você fez aos outros – disse frei Vicente.

- É muito fácil a gente dizer que vai perdoar ou que perdoará, mas isso é uma grande balela. Tudo o que eu fiz a Zé Beltrão ainda é pouco em função do ele me fez.

Eu superei tudo, acho inclusive que não tenho nenhuma neurose por conta do abuso sexual sofrido, pois acredito que se não tivesse ocorrido minha vida seria do mesmo jeito, pois eu só faço o que gosto e gosto do que faço com relação ao sexo. Assim sendo mais uma vez volto a questionar sobre o que realmente vem a ser pecado, pois não sinto dor de consciência para me auto perdoar. Espero que o senhor me ajude nisso.

Frei Vicente fez um sinal com a cabeça e voltou ao seu mutismo deixando todo o tempo e espaço para que a própria Maria Francisca decidisse o que iria falar. Depois de um longo silêncio ela retomou a palavra:

- Zé Beltrão era um estuprador de menores. Isto eu posso afirmar porque o que ele fez comigo ele repetiu com outras crianças da cidade, inclusive com meninos. Ele era um verdadeiro pedófilo. Se alguém o tivesse denunciado na época seria cadeia na certa. Mas, o tempo passou e o jeito que encontrei foi me vingar. Reencontrei Zé Beltrão na cidade de Ilhéus. Ele estava numa barraca de praia tomando umas, sozinho. Passei duas vezes por ele e pude observar que ele não me reconheceu o que me permitiu desenvolver um plano de aproximação. Antes, porém, arquitetei tudo com um homossexual, digo, uma boneca, em todos os sentidos que era minha amiga e que morava na cidade de Itabuna. Conte pra ele tudo o que aquele cara tinha me feito, naturalmente exagerando nos detalhes, o que deixou meu amigo revoltado. O plano era ele conquistar e levar Zé Beltrão para uma transa, na qual ele também seria comido. A boneca, minha amiga, tinha uma pica tão grande quanto a do Zé Beltrão e o que eu queria mesmo era vê-la no cu do Zé. – disse Maria Francisca.

- Vixe minha filha! Você realmente armou e conseguiu isso? Perguntou surpreso o padre.

- Mas é claro padre. O que eu não consigo ninguém mais consegue. Comigo é assim: planejo e executo. Pois bem, nos aproximamos de Zé Beltrão. A boneca, minha amiga, era lindíssima e fazia o maior sucesso na região cacauqueira. As pessoas diziam que uma festa ou evento de qualquer natureza sem a presença dela não fazia sucesso. Além de inteligente, culta e bonita ela era um arraso na cama também. Eu mesma já transei com ela e posso afirmar que foi uma das melhores, senão a melhor transa que já tive. Pois ela reúne todas as qualidades masculinas e femininas juntas e quando está com uma mulher, é um homem sem defeitos, sabe de tudo e agente se entrega totalmente aos seus carinhos. – Disse Maria Francisca relembando o gozo obtido numa transa com Alessandra ou Alex, cujo nome ele adota de acordo com a situação ou necessidade.

Frei Vicente estava pasmo, mas permaneceu em silêncio, observando-a com os olhos quase cerrados para inspirar um ar de confidente.

- Nos aproximamos de Zé Beltrão que já estava um pouco alto e solitário. Ele estava envelhecido também. A abordagem foi direta e nos oferecemos para fazer companhia, dividindo a mesa e ele aceitou de pronto. Alessandra parecia uma mulher, loura de cabelos longos, tão sedosos quanto aqueles que aparecem nas propagandas de shampoo na televisão. Seus olhos verdes eram tão bonitos quanto os seios de silicone, que ficavam visíveis quando fazia certos movimentos previamente estudados. Estes movimentos naturais, sem trejeitos forçados, faziam parte de sua tática para despertar e prender a atenção dos homens que desejava. Ela jogou todo o charme em cima de Zé Beltrão, enquanto eu me coloquei na mesa de maneira tímida e encolhida para não interferir naquela química que bateu nele. Ele realmente se sentiu atraído por Alessandra. O papo foi rolando e a bebida descendo e, no final da tarde. Convencemos Zé Beltrão a ir com agente para uma casa que minha amiga tinha em Olivença só para estes encontros. Lá ele tinha tudo, todos os requintes dos motéis de luxo de Salvador com a vantagem de que quando queria ainda filmava os encontros com a permissão dos parceiros. Só que este encontro quem filmou a transa de Zé Beltrão com Alessandra e escondido foi eu. – Contou Maria Francisca deixando revelar um tom de maldade em suas palavras e ao mesmo tempo um ar vitorioso.

- Zé Beltrão se deixou levar pela beleza enganadora de Alessandra e quando ela ficou nua, em vez de se surpreender ele pareceu ter ficado mais excitado ainda. Parecia uma luta de espadas. Agarra daqui, puxa dali e o que eu sei, já que não ouvi o que Alessandra segredou baixinho no ouvido de Zé Beltrão, foi que os dois se beijaram, se pegaram e se comeram. Eu não acreditei quando vi o já velho Zé Beltrão de quatro, com a bunda para cima sendo enrabado daquela forma. E olhe menino! Era um rolão e tanto e o velho nem pestanejou. Parecia que estava gostando, pois logo deu meia volta e passou a comer Alessandra. Ele parecia embevecido com tanto peito, bunda e rolas. – Maria Francisca deu uma pausa e continuou – é padre foi uma transa de muita paixão, foi uma coisa animalesca que vendo aquilo eu me excitei toda e acabei batendo uma siririca. A vontade que eu tive foi de cair no meio dos dois, participar daquela putaria, mas isto fugia ao meu plano. Eu tinha que desmascarar aquele filho da puta.

- E qual foi o resultado desta aventura Maria Francisca – indagou curioso frei Vicente.

- Não podia ser outra não é padre? Tirei cópias do vídeo, borrando o rosto de Alessandra para que não fosse identificada e mandei para certas pessoas lá da terra. Muita gente assistiu e ficou sabendo das aberrações de Zé Beltrão que, cheio de vergonha, não encontrou solução a não ser vender tudo o que tinha e desaparecer da região. Deste dia em diante nunca mais ouvi falar dele ou sobre ele. Ele deve ter fugido para muito longe da Bahia ou quem sabe até do Brasil. Ele se escafedeu. Bem feito para aquele sacana. Comigo é assim: sacanagem se paga com sacanagem.

A tarde passou muito rápida e a lua já começava a clarear o terreirão, quando frei Vicente manifestou-se cansado e resolveram encerrar a confissão daquele sábado. Dirigiram-se para a sede da fazenda, onde o jantar seria servido. Dona Josefa informou a Maria Francisca que tinha tomado a liberdade de mandar buscar sua bagagem no hotel, pois naquela noite ela seria convidada dela, pois um trio sertanejo viria tocar na fazenda para o pessoal da região e o coronel Arruda fazia questão de sua presença. Ela agradeceu e foram jantar.

XXX

Após o jantar todos se dirigiram para os fundos da sede da fazenda, onde uma grande tenda foi armada no terreiro de chão batido. Em cada poste de sustentação da lona um lampião de querosene foi pendurado. Um tablado estava reservado para o trio regional convidado. Na outra ponta da tenda em formato retangular estava um serviço de bar, onde cerveja e doses de cachaça gratuitas seriam servidas, bem como nacos de churrasco com farofa para os que desejassem um tira-gosto. A cerveja estava acondicionada em três grandes tonéis cheios de gelo. Quando Maria Francisca chegou à tenda, em companhia dos anfitriões, várias pessoas, trabalhadores da fazenda e da redondeza, já se encontravam lá.

Enquanto o trio não chegava uma pequena e antiga vitrola a pilha animava o ambiente reproduzindo músicas e forró dos antigos discos de vinil, os famosos bolachões, com interpretações de Luiz Gonzaga e do Trio Nordestino. Naturalmente, o Trio Forró de Ouro deveria executar também músicas mais recentes e de novos intérpretes que vinham fazendo sucesso nas emissoras de rádio da região.

O baião, o xote e o vaneirão eram os ritmos preferidos pelos que estavam presentes. Quando o Trio Forró de Ouro começou a tocar, os pedidos também começaram. E uma das solicitadas foi um baião de autoria de Sérgio Mattos e Zelito Miranda, gravada por Alcymar Monteiro e muitos outros intérpretes, e que era muito conhecida na região: “Forró de Botas”. A letra da música inclusive era o próprio retrato daquela festinha:

FORRÓ DE BOTA

“Quando se toca o baião
lá no meu sertão
todo mundo cai
no arrasta-pé
 É pé pra lá
 Poeira pra cá
 É pé pra cá
 Poeira pra lá.
 Todo mundo fica de bota
 Lá no terreirão
 todo mundo arrasta o pé,
 zabumbando o coração
Bota da cor de poeira
Bota de vaqueiro
Bota sem verniz
é bota de gente feliz.
Levanta sacode a poeira.
No ritmo do sanfoneiro.
Todo mundo fica de bota.
Bota fogo forrozeiro.”

Prestando atenção à letra e observando aquele povo simples arrastando o pé ao ritmo do sanfoneiro, Maria Francisca teve uma perfeita visualização do quadro que inspirou os compositores. Isto porque à medida que a poeira ia subindo, colava nas pernas dos forrozeiros que, devido à parca iluminação oferecida pelos lampiões mais pareciam com botas na perspectiva de quem estava fora da área de dança. Ao constatar aquilo Maria Francisca sorriu, pois entendeu a situação registrada pela música.

Ela não dançou, tomou umas cervejinhas em companhia do coronel Arruda e antes que alguns dos convidados começassem a ficar bêbados, o velho deu ordem expressa ao bar para começar a manear o serviço para os mais beberrões. A segurança montada estava funcionando com perfeição e nenhum problema deveria ocorrer. Este arrasta-pé acontecia todos os anos, já era uma tradição na fazenda, e nunca ninguém soube que tivesse ocorrido qualquer problema.

Perto da meia-noite o coronel Arruda, sua mulher e Maria Francisca se retiraram. Tonho não compareceu à festa porque estava participando de uma reunião de seu partido político para definir se sairia candidato a prefeito ou a deputado.

Dona Josefa conduziu Maria Francisca até o quarto que tinha sido preparado para ela. Exausta caiu em sono profundo interrompido de madrugada, às cinco da matina, pela visita do coronel Arruda. O velho safado, durante a festa tinha se insinuado e Maria Francisca, mais safada ainda, ficou dando corda à paquera. Tinha até estimulado a curiosidade do velho ao dizer que em noites quentes como aquela ela adorava dormir nua como nasceu. Os olhos do coronel brilharam e ele ficou com um sorriso matreiro imaginando a cena, enquanto Maria Francisca sorria despreocupada.

Quando o coronel entrou em seu quarto ela dormia como um anjo. Ele tirou o pijama de seda e se acomodou ao lado de Maria Francisca que foi acordada lentamente, com os carinhos ousados que o velho fazia. Ela foi despertando e não manifestou qualquer surpresa, entrando no jogo dele. O que ela não imaginava é que o velho fosse capaz ainda de fazer alguma coisa... Isto sim, foi uma surpresa para ela, pois o coronel havia feito uma prótese peniana que mantinha o pênis semi-rígido, ou seja, sempre pronto para o ato sexual.

Maria Francisca havia lido alguma coisa sobre próteses penianas quando estava paquerando Dr. Julio. Ela ficou sabendo, por exemplo, que as próteses rígidas já não eram tão procuradas e que as duas outras formas, próteses semi-rígidas e as infláveis eram as mais procuradas. Ela sabia também que a prótese usada pelo coronel Arruda tinha uma série de vantagens em relação à prótese inflável, que se constitui de até três peças, entre as quais um reservatório líquido e uma bomba que é utilizada para levar o líquido do reservatório até os cilindros implantados e que invariavelmente acaba criando situações vexatórias na hora H. Sim, ela sabia que a prótese do coronel era a melhor e ainda tinha a vantagem da facilidade de implante e que é utilizada apenas nos pacientes portadores de disfunção erétil de origem orgânica, não se aplicando àqueles que possuem também problemas de ordem psicológica.

Maria Francisca soube desfrutar da potência que Arruda carregava entre as pernas. Mudando várias vezes de posição ela pôde conferir a boa rigidez e maleabilidade da prótese do coronel, chegando ao orgasmo junto com ele. Coronel Arruda não brincou e soube dar conta do serviço direitinho, gozando várias vezes. A primeira, foi pura emoção, gozou só em se sentir como piloto daquele avião em suas mãos. Esta emoção fez com que gozasse que nem coelho e sem penetração. Mas na segunda e na terceira, o velho demonstrou experiência e tanto deu como obteve prazer. Demonstrou que sua libido estava em dia, provavelmente graças a algum plano de reposição hormonal.

Ele gozou! E como gozou! Quando Maria Francisca começou a pensar que o velho ia ficar ali, ele deu um forte suspiro, levantou-se com a agilidade de seu filho e se retirou silenciosamente, da mesma maneira que chegou ao quarto. Durante o tempo de quase uma hora, nenhuma palavra foi pronunciada. Só se ouviam gemidos baixos e abafados. Maria Francisca compreendeu e se portou de acordo com a situação. Afinal de contas, ela também não queria acordar ninguém.

Na manhã seguinte, após um farto café da manhã, com cuscuZ de milho, bolos de diferentes sabores, ovos fritos, frutas frescas, sucos, aipim, banana frita, leite de cabra e de vaca, Maria Francisca se preparou para mais um dia de confissão com frei Vicente. Dona Josefa tinha acordado com enxaqueca e não estava se sentindo muito bem, mas em nenhum momento deixou de tratar bem sua convidada. O coronel, convenientemente, já havia saído desde cedo para uma fazenda vizinha, também de sua propriedade, onde o gado seria vacinado contra a febre aftosa.

CAPÍTULO 4

A SEDUÇÃO DO PADRE OLAVO

Maria Francisca acordou disposta a chutar o pau da barraca, espremer o carnegão, e resolver contar logo tudo a frei Vicente a fim de dar o assunto por encerrado. Até porque três dias de confissões já era um abuso para qualquer mortal. Além do mais, ela não estava muito convencida de que as confissões ou qualquer outro tipo de ajuda, um psicanalista como tinham sugerido, iria resolver seus problemas. Aliás, ela vinha se auto perguntando:

- Que problemas, cara-pálida? – e ela mesma, em pensamento, respondia – Eu acho que eu não tenho problemas, pois sexo para mim é coisa muito natural e solução para muita coisa, até para alguns tipos de problemas que as pessoas têm. Não trepar é que é um problema, que acaba deixando as pessoas encucadas e mal humoradas, ganhando logo a classificação de mal-amadas. Talvez eu tenha cometido excessos, mas não acredito que seja viciada em sexo nem que tenha cometido pecados como querem me fazer acreditar. E, mesmo que tivesse cometido, a noção de pecado e de perdão, pelo que o padre me falou, não tem nada que eu mesma não possa resolver e é o que vou fazer. Ao longo de minha vida sempre tive inúmeros casos e cheguei a alimentar alguns romances, mas o que eu prefiro mesmo é o sexo casual, descomprometido, que é muito melhor do que ficar amarrada, presa a alguém, se encher de problemas para depois curtir uma separação. Não nego que curtir uma paixão, um romancezinho, é legal, mas só enquanto dura o fogo que faz arrepiar até os pentelhos ou cabelos do cu, isso sim é de tirar o fôlego. – E enquanto se dirigia para o encontro com o padre ela ainda ficou imaginando os problemas dele: coitado do frei Vicente, ele deve ter ouvidos de peneira para agüentar minhas histórias e continuar centrado em suas rezas... Será mesmo que ele não se perturbou com nada? Acho que não – ela mesma se auto respondia – pois ele não nasceu padre, nem tão pouco santo... Ele teve experiências sexuais e talvez seja por isso que ele tem esta paciência toda, pois já deve ter ouvido muita porcaria e sacanagem por aí.

Maria Francisca estava bem à vontade: usava um vestido tubinho jeans, tênis e argolas. O cabelo estava solto e com passadas largas e determinadas dirigiu-se para o terceiro e último encontro com frei Vicente. Estava decidida a contar um segredo nunca antes revelado.

Frei Vicente a recebeu com a mesma expressão de santidade e de maneira calma e acolhedora perguntou:

- Você dormiu bem? Está se sentindo melhor e em paz consigo mesma depois de dois dias passando sua vida a limpo?

- Claro padre! Estou me sentindo bem. Estes dias têm servido também para confirmar o quanto a humanidade está cheia de pessoas hipócritas, falsas e mentirosas. Eu pelo menos nunca escondo o que eu quero e quando estou decidida – disse enfatizando – procuro realizar meus desejos a qualquer custo.

Ela sentou-se, ascendeu o primeiro cigarro do dia, tragando profundamente. Cruzou as pernas, e enquanto expelia a fumaça lentamente, olhou pra os lados e disse:

- Hoje vou contar para o senhor um segredo nunca revelado. Você será a primeira pessoa a ficar sabendo e só vou contar porque hoje em dia isso não vai fazer a menor diferença na minha vida ou na de meus filhos, que não precisam saber nem nunca saberão da verdade, pelo menos de minha boca. Eles cresceram sem pai e foram informados que ele havia morrido como de fato, para mim, morreu. Eles não conhecem seus respectivos pais, pois segui o conselho de desaparecer do mapa, dado pelo usineiro que deveria ter sido meu sogro e que em minhas lembranças não passa de um grandíssimo filho de uma puta. Eu ainda sinto queimar em minha pele os olhares ardentes dele e a maneira agreste com que suas mãos exploraram todos os recantos de meu corpo. Na única oportunidade que teve ele não hesitou, traiu o filho, me faturou e acabou me engravidando. Meus filhos têm pais diferentes, mas seus traços são parecidos, pois a menina, Ana Lucia, que é a mais nova, é filha do avô de Carlos.

- Que absurdo minha filha! – deixou escapar frei Vicente.

- Pois é padre. As pessoas são muito hipócritas e fingidas. Todo mundo que eu conheço tem um quêzinho de falsidade, mas consegui com determinação sobreviver e criar meus filhos. Não me arrependo de nada do que fiz, pois me considero uma pessoa livre, como um pássaro fora da gaiola, voando para onde o bem querer me chama e cantando quando vontade sinto. Se não fosse livre assim eu não teria a força e a determinação que tenho. E foi assim, com este sentimento de liberdade que criei meus filhos. Minha filha nunca foi virgem, pois no dia em que nasceu pedi à parteira, que a ajudou a pular para vida, para romper o hímen dela, o selo da virgindade. Fiz isso para que ela crescesse sem complexos, pronta para desfrutar da vida sem ter que esperar ser descabaçada por um macho qualquer. Aliás, padre, eu ensinei tudo a ela. Ensinei como sentir prazer e como conquistar e dar prazer ao homem que ela escolhesse para ficar,

como a nova geração fala. Quando percebi que ela estava despertando para o sexo, buscando prazer com a ducha com que tomava banho, vi que tinha chegado a hora e então ensinei tudo, tudinho, bem direitinho. Ensinei aos dois sobre todos os tipos de picas e xoxotas que existem para que eles não pensassem que todas eram iguais ao do irmão ou a da irmã. Como o senhor deve saber também existem vários tipos, quero dizer, formatos curiosos de xoxota, tais como: capô de fusca ou testuda, uma das preferidas dos homens; a beijola, que possui lábios avantajados; a banguela, aquela chochinha que deixa a calcinha e ou as calças parecendo que está vazia; gruta-cavernosa usada para identificar as mulheres muito largas e que possuem uma xoxota muito grande; periquitinha, para aquelas que são tão pequenas e apertadas que parecem de criança; entre outras. Os tipos e formatos de pica também são variados e os mais curiosos são: a salchicha de cachorro-quente, pequena e fina; a cabo-de-guarda-chuva, bengala ou capitão-gancho, que apresenta uma deformidade e mesmo quando dura apresenta uma curvatura exagerada; a capacete nazista ou cabeça de cogumelo, que é fina, mas tem um cabeça grande; pé-de-mesa, são os homens que possuem uma rola muito grande, entre muitos outros. Quanto à quantidade de nomes, que as pessoas usam para identificar tanto a pica como a xereca, é muito grande... Há uma infinidade de nomes. Alguns exemplos de apelidos dados à ferramenta masculina são: Alavanca-de-arquimedes, badalo, bordão, caralho, careca, estrovenga, ganso, manjuba, minhocão, pau-de-cabeleira, piroca e muitos outros. Para a xereca também existem vários apelidos tais como: aranha, bombril, chibiu, gruta-do-amor, passarinha, perereca, periquita, perseguida, precheca, rachadinha, xana e muitas outros.

- A Ana Lucia eu ensinei tudinho – continuou Maria Francisca detalhando os seus ensinamentos – e quando ela fez 12 anos ganhou um vibrador de presente. Expliquei também que com relação ao pinto nem sempre o tamanho é documento, mas há quem goste de tamanho e espessura, mas isso só funciona na fantasia feminina, pois na verdade, segundo os médicos, a média do tamanho da pica está situada entre 12 a 18 centímetros quando dura. Esclareci também que a maioria das vaginas tem uma profundidade média entre 09 a 14 centímetros e que a maioria dos problemas de desconforto no ato sexual se deve ao fato de um dos parceiros fugirem a uma destas médias que se aplicam a todos os seres humanos independente de raça. Em resumo, padre, expliquei aos dois que a maioria das picas e das xotas são compatíveis e que o casal deve procurar e identificar quais são as melhores posições para cada um. Qual é a posição que proporciona maior prazer, pois, numa boa trepada, o que faz a diferença é o clima, a fantasia, o desejo e principalmente a

habilidade dos dois. Ao menino, o Carlos, expliquei tudo, para que soubesse o que fazer com uma mulher e o que é que elas gostam. Pedi a uma conhecida, que freqüentava uma casa de massagem, em Salvador, para que o iniciasse na prática sexual, o que começou também em torno dos 12 anos. Orientei os dois quanto aos cuidados com a higiene e como se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis e como evitar gravidez indesejável. Ensinei todas as posições para o ato sexual: deitado, de frente, de lado, de costas, por cima, por baixo, de joelhos e mãos apoiadas na cama. O Kama Sutra ensina outras posições, algumas tão difíceis que só um atleta, com muito preparo físico consegue praticá-las, mas dei o livro de presente para eles que estão devidamente escolados para enfrentar a vida sem temer problemas de ordem psicológica por conta de uma xota ou de uma pica mal resolvida. – disse de um fôlego só, sem parar, não dando tempo a qualquer interrupção.

Frei Vicente aproveitou a pausa para tecer alguns comentários de ordem psicológica com relação aos filhos de Maria Francisca:

- Minha filha, acredito na sua boa intenção com relação à formação sexual de seus filhos, mas é bom saber que estas experiências que você proporcionou aos seus filhos não podem ser determinantes para um bom desenvolvimento e formação da personalidade deles, embora devam ser consideradas como de grande influência na vida que terão quando adultos. Como Freud deduziu, toda neurose deriva de um conflito mal resolvido. Em geral as neuroses são distúrbios sexuais ocorridos ao longo do período de formação do jovem. Você, por exemplo, foi vítima de abuso sexual. Seus filhos, em contrapartida não foram, mas a exposição exagerada às práticas sexuais como você fez, pode lhes trazer problemas no futuro...

- Será padre? – interrompeu Maria Francisca – Será que meus filhos vão ter problemas porque eu os ensinei a serem livres de preconceitos e buscarem a satisfação e prazer sexual sem se preocupar com o fato de estarem ou não cometendo pecado perante as Leis de Deus? O senhor realmente acredita que não se pode conseguir o prazer impunemente?

- Maria Francisca – disse o frei – eu não sou a pessoa mais indicada para responder aos seus questionamentos, pois estamos supondo que os problemas poderão surgir e eles podem não acontecer. Entretanto a literatura específica aponta para a possibilidade de que seus filhos, ou pelo menos um deles venha a sofrer de alguma neurose devido aos conflitos que vão aparecer em suas respectivas vidas. Apenas levantei possibilidades como fruto inclusive de sua própria vida e da orientação que você deu a

eles, mas sei também que uma psicoterapia aplicada a uma pessoa como você ou a qualquer de seus filhos poderá ser inoperante. Pois aqui, neste caso, não existem processos inconscientes a serem esclarecidos, pois o que encontramos é uma decisão voluntária e livre de sua parte, na condução consciente que você deu à sua própria vida e como tem orientado seus filhos a viverem a vida deles. Perante Deus todo e qualquer conflito que advenha daí vai se limitar ao plano do consciente, a contradição entre cometer o pecado, buscando o prazer pessoal e o dever de se confessar buscando o perdão. Uma coisa, no entanto, é clara: você pode obter o perdão para o seu pecado na confissão..., mas, fique sabendo que, por exemplo, esta confissão jamais vai suprimir sua inclinação para o prazer carnal.

- Então padre, para que serve a confissão? – indagou Maria Francisca

-A confissão é necessária para a absolvição dos pecados, para que você possa sair daqui sentindo-se livre do peso que carrega. O pecado, como dizia David, é um ato interior de ruptura com Deus, é um ato de recusa ao amor de Deus e quando o cometemos, pecamos contra Deus, ou seja, o pecado está circunscrito ao ambiente religioso.

- O senhor está dizendo que não podemos reduzir a concepção de pecado a uma transgressão da lei, porque corremos o risco de criar uma escala de valorização para os mais variados tipos de pecado? Nós pecadores estaríamos automaticamente nos auto-perdoando por pecados de menor valor e buscando a confissão para termos a certeza de que os pecados maiores também seriam absolvidos por um padre? É isto?

- Mais ou menos, mas não necessariamente, pois dentro da concepção legal do que seja pecado podemos atribuir, naturalmente, uma maior gravidade para os pecados de impurezas, nos quais se enquadram os de natureza sexual. O que eu quero mesmo dizer, minha filha, é reiterar que o pecado é um fato religioso e não psicológico, mas que para você se sentir perdoada você tem que acreditar nisso e ter o firme propósito de querer mudar. – frisou frei Vicente.

- Padre! Eu vim aqui por livre e espontânea vontade com o desejo de encontrar uma luz, apesar de não estar muito claro para mim que eu seja uma pecadora ou que eu deseje mudar a minha maneira de ver a vida. Tem uma crença, aceita por todos como sendo verdadeira, que tudo o que se relaciona com a sexualidade é pecaminoso. Mas, aqui pra gente, eu não acredito nisso, porque o instinto sexual já nasce com a gente. Um bebê tem este instinto...

-É – interrompeu frei Vicente –, mas também se costuma dizer que qualquer coisa sem amor seria pecaminosa. Na verdade ao considerarmos o sexo como algo pecaminoso, estamos apenas impedindo ou criando barreiras para que o instinto natural do homem se una com a força do amor. A Bíblia vincula o apetite sexual à cobiça e a idolatria (Colossenses 3:5), ou seja, quem cobiça algo acaba transformando esse objeto de desejo na coisa mais importante de sua vida, anulando qualquer outra coisa. Na verdade, quem se deixa levar pela prática da pornografia acaba colocando seus desejos sexuais acima de Deus. Observe que a Bíblia está cheia de explicações sobre este problema, como a citação de que “quem pratica a fornicção está pecando contra o seu próprio corpo” (Coríntios, 6:18). Enquanto você não se conscientizar do conflito existente entre o seu desejo e ânsia de encontrar um amor perfeito e o seu ressentimento contra fatos ocorridos no passado, como os de sua infância, você sempre vai procurar remediar a situação. Conscientize-se disso, reorganize seus desejos, pensamentos e conceitos de acordo com a realidade de cada situação vivida que você acabará se encontrando plenamente, transformando-se numa pessoa melhor e mais feliz consigo mesma. A aceitação de si mesma e a consciência plena de quem você realmente é serão a chave para o seu auto-conhecimento. Assim sendo, minha filha, quando se pratica o sexo sem amor, estamos sendo egoístas e adotando um comportamento grosseiro e animalesco. Precisamos apenas ter este cuidado na condução de nossas vidas. O sexo com amor não é pecaminoso.

- É, mas Madre Teresa de Calcutá certa feita disse que “um coração feliz é o resultado inevitável de um coração ardente de amor” e eu acredito que sou feliz porque tenho um coração ardente. Logo, Padre, nós estamos é filosofando e esquecendo de minha confissão. Ainda tenho umas histórias cabeludas para contar... – deu uma pausa e continuou – Se sou pecadora, se a absolvição vai valer ou não, neste momento pouco importa, pois ao contar minhas aventuras, que o senhor classificaria como pecado, estou me sentindo bem e muito leve e o importante é que posso considerar isto, esta sensação gostosa que estou sentindo, como sendo a aceitação de minha confissão por parte de Deus. Olhando sob sua ótica, acho que Ele está retirando o peso de minhas costas. – disse Maria Francisca, acrescentando: O que eu sinto mesmo é uma vontade enorme de me soltar, de me permitir ser eu mesma, de me permitir sentir que estou viva e que vivo o meu momento de vida intensamente.

-Então minha filha continue, jogue para fora tudo o que está lhe pesando, depois poderemos conversar mais sobre concepções e outras abstrações – disse frei Vicente

incentivando Maria Francisca a relatar seus pecados ao mesmo tempo em que se benzeu e beijou o crucifixo de seu terço.

Maria Francisca levantou-se, acendeu um cigarro, voltou a se sentar e com ar decidido continuou:

- Pois bem! Não sei se isto foi um pecado, uma aventura ou uma caridade que pratiquei. Depois de toda esta conversa com o senhor eu estou até inclinada a acreditar que foi uma caridade o que pratiquei com Betão, um rapaz retardado, que morava em Vitória da Conquista e que conheci uma noite enquanto bebericava umas capirinhas num dos bares da cidade. Lá estávamos – eu, Jorginho e Sara – numa animada conversa quando Betão se aproximou de nossa mesa pedindo algo para comer e beber. Jorginho contou o caso dele, explicando que era filho de uma família abastada da cidade, mas que os pais tinham vergonha dele. Disse que Betão levava dias perambulando pelas ruas da cidade. Muita gente maltratava ele e outros se divertiam, pois psicologicamente era uma criança, mas fisicamente era um adulto que sentia lá suas necessidade de se satisfazer biologicamente. Sexualmente ele não tinha nenhum retardo e todas as vezes que conseguia qualquer dinheiro partia para o puteiro ou procurava alguma mulher disposta a praticar sexo com ele. O que era uma coisa difícilima, pois ele tinha uma pica enorme, uma jamanta – dizia Jorginho mostrando com movimentos das mãos o tamanho e o diâmetro da coisa. Aí retornei para Salvador e qual não foi minha surpresa quando um dia, num bar próximo ao Farol da Barra, reconheci Betão que estava importunando algumas meninas, querendo trepar com elas. Mas, nem as putas que rodavam bolsinha na Barra queriam nada com ele devido ao tamanho da ferramenta dele. Mais uma vez fiquei com pena dele e pensei que poderia aliviá-lo de alguma forma e acabei levando-o a um motel – disse tomando fôlego e olhando para o padre procurando observar suas expressões faciais que continuavam inalteradas demonstrando tranqüilidade. Após uma breve pausa continuou:

- Quando chegamos ao Motel ele estava muito excitado e não vou negar ao senhor que eu também fiquei, principalmente, depois que ele tirou a roupa e pude admirar aquele colosso, uma obra de arte e como tal, apenas para ser admirada, tocada, beijada, mas nada de penetração, pois aquilo arrombaria até uma jumenta. Mesmo se desejasse padre, a penetração seria impossível devido ao tamanho, ao diâmetro e a cabeça tipo cogumelo, mais parecia cacete de anta, pois já vi num filme uma e a do Betão era muito parecida. Então esfreguei meu corpo no colosso, passei cremes e o alisei de todas as formas. Não deu pra chupar, pois não cabia em minha boca. Para o senhor ter uma idéia, o diâmetro

daquela coisa ficava entre o de uma latinha de refrigerante e o casco de uma garrafa de cerveja. Eu já tinha visto de tudo, mas nunca uma coisa tão grande e tão anormal como aquela. Não é a toa que quando o povo, em sua sabedoria popular, quer dizer que alguém tem uma rola muito grande, que é desmarcado, diz que fulano tem “pau de retardado”. Betão era um homem bonito, mas uma criança. Ele é retardado, mas não é tarado, embora, diga-se de passagem, quando o desejo sexual é despertado ele vira uma máquina e demora muito a ser satisfeito. Por isso passei horas com ele no motel e o fiz gozar inúmeras vezes. A força do jato de seu esperma era tanta que atingia quase dois metros de distância. Nunca vi nada igual, uma verdadeira raridade e esta experiência, padre, além de ter sido uma caridade que pratiquei, acabou me ajudando a entender os problemas de pessoas como ele. Depois disso tive que desaparecer do alcance das vistas dele. Ele não podia me ver, em qualquer lugar, que vinha logo me convidando para ir para um motel, talvez porque eu tenha sido a única mulher que o tratou decentemente na cama, levando-o a atingir o orgasmo mesmo sem qualquer penetração. Ele aceitou todos os meus carinhos e quando saímos do motel ele ria como uma criança feliz depois de ter feito uma traquinagem.

- Ainda bem que você passou a evitá-lo, não alimentando o desejo do instinto animalesco que o rapaz carrega – interrompeu Frei Vicente com uma voz carregada – O que você fez não foi bem um ato de caridade como você está assumindo. Muito pelo contrário, você se aproveitou de um deficiente mental para satisfazer sua curiosidade e egoísmo.

- Ora padre, isto não foi premeditado e na minha cabeça eu fiz uma boa ação e eu acredito nisso. Como o senhor mesmo disse se não me sinto culpada, não posso dizer que pequei. Eu estou até considerando neste momento, que o que eu fiz foi ajudar aquele rapaz e minha boa ação deve estar sendo contabilizada por Deus na conta de chegar com relação aos valores atribuídos aos pecados de natureza sexual. Talvez ele entenda meu ponto de vista e tenha me perdoado. Eu quero acreditar nisto e isto para mim será a minha verdade... – deu um suspiro e acrescentou – já estou me sentindo até mais disposta e com menos peso nas costas, estou ficando leve, viu? – e deu uma gargalhada.

- Está certo. O importante neste momento é que você está relatando seus possíveis pecados em busca do perdão por meio da confissão. Vamos em frente – disse frei Vicente voltando à sua posição de confessor atento.

- OK! padre. Outro caso que curti bastante foi a sedução do padre Olavo, mas este nome é falso, viu? Por motivos óbvios, já que o senhor também é padre, não vou dizer o nome verdadeiro dele, nem tampouco o bairro da paróquia dele, mas é em Salvador...

- O que? Você também seduziu um padre? Esta realmente é pesada Maria Francisca. Você levou um homem de Deus a cometer um pecado muito grave considerando os votos de castidade que são assumidos quando da ordenação – disse frei Vicente com uma voz preocupada.

- Castidade que nada. Padre Olavo era um safado de marca maior. Ele era louro de olhos azuis, com uns traços lindos, lembrando artistas de filmes de Hollywood. Ele podia comer qualquer mulher que desejasse, pois elas faziam fila só para se confessar com ele e provavelmente também batiam lá suas siriricas na intenção dele. De tanto bate papo nos bares de Salvador fiquei sabendo das histórias relatadas pelas mulheres, solteiras e casadas, sobre Padre Olavo. Ele ficava puxando conversa, fazendo perguntas para saber detalhes das experiências sexuais delas. Soniamara, que conheci num show do Chiclete com Banana no Parque de Exposições de Salvador, por exemplo, me contou que ele se excitava tanto com as histórias das meninas que ficava se masturbando no confessionário. Quando perguntei se ela tinha visto, ela confirmou que viu apenas o resultado. Quando as confissões acabaram Soniamara disse ter ido até ao confissionário e viu a porra derramada no chão e para disfarçar ele ainda tinha esfregado o pé para espalhar. Para ter certeza de que era esperma mesmo ela passou o dedo e cheirou para tirar toda e qualquer dúvida.

- Mas isto é um absurdo, minha filha – lamentou frei Vicente.

- Essas histórias de padre Olavo – continuou Maria Francisca – despertaram minha curiosidade e o desejo de seduzi-lo o que não seria tão difícil a julgar pela fraqueza dele. Passei a freqüentar sua igreja, observá-lo e então comecei a me aproximar. Investi fundo no propósito e tenho certeza que consegui levá-lo às raias da loucura de tanto prazer que sentiu. Apesar de tão descarado ele só perdeu a virgindade comigo. Aliás, padre, acho que o homem só devia ser ordenado padre depois de ter vivenciado a vida mundana, o senhor não acha? Como é que alguém pode aconselhar homens e mulheres sem nunca ter praticado o ato sexual? Sem ter sentido o desejo subir e o corpo esquentar de vontade de trepar?

- Não é bem assim, minha filha, mas de certa forma seu questionamento tem lógica – disse Frei Vicente.

- Isto é o que eu acho padre. Pelo que sei o senhor, por exemplo, teve uma vivência antes de virar padre, não é mesmo? E olhe no que resultou sua experiência: hoje é considerado um homem santo...

- Não minha filha, não sou santo. Sou um homem como todos os outros, a diferença é que escolhi a missão de servir a Deus e procuro fazer isto com todas as minhas forças, muito sacrifício e muita reza – explicou frei Vicente.

- Tá bem, mas deixe-me concluir o caso de padre Olavo – disse olhando para o padre que assentiu com um gesto de cabeça, deixando Maria Francisca à vontade para continuar.

- Um dia encontrei padre Olavo sozinho na sacristia da Igreja e o ataquei com todo o meu poder de sedução. Ele ficou vidrado e sem ação. Revelei que estava curtindo uma paixonite aguda por ele, que sabia como ele vinha me observando quando ia às missas e gostaria muito de encontrá-lo em outro lugar onde pudéssemos conversar mais à vontade. Eu não queria que tivesse nenhuma divisão de madeira, como as de um confessionário, me separando dele. Queria bater um papo olhando-o diretamente nos olhos. Tinha que ser em um lugar onde eu pudesse beijá-lo com toda a força da paixão que eu estava sentindo. Tanto fiz que consegui, não me lembro sob qual pretexto, levá-lo até a torre da igreja. E foi lá em cima, perto do sino, que fizemos a maior sacanagem que se pode imaginar. Não precisamos nem tirar a roupa, ele segurou a batina com os dentes e eu mergulhei fundos em suas pernas, bolinando suas bolas e sugando seu néctar. Depois eu tirei a calcinha, suspendi o vestido e ele me comeu com muita força de vontade, saciando uma fome de vários anos. Gozei muito naquela torre, mas acredito que ele gozou mais do que eu, pois estava sentindo uma mulher pela primeira vez na vida, pois me confessou e eu acreditei devido à sua inexperiência visível. Ajudei o ceguinho a encontrar o caminho do céu e ele adorou – e demonstrando um ar de satisfação com aquelas lembranças concluiu – foi a trepada da torre. É claro que para facilitar ainda mais a situação, no fatídico dia eu usei o perfume “Avant L’Amour”, uma colônia feminina vendida nos Sex-shop ou pela Internet que possui uma porção de feromônio. É um perfume sexual cuja fragrância foi desenvolvido a partir da química atrativa do “Alpha Androstenol”. A propaganda diz que os feromônio provoca sinais olfativos despertando os sentimentos românticos no sexo oposto. Então, naquele dia apliquei o perfume atrás das orelhas, no colo, pulsos, virilha e tornozelos e a coisa funcionou... Só não posso garantir é se eu consegui meu objetivo devido ao perfume, devido ao meu poder de sedução ou se foi a segura do Olavo...

Acendeu um novo cigarro e descansou um pouco. Bebeu um pouco d'água, caminhou um pouco pela varanda e retornou, sentando-se novamente em frente ao padre para continuar sua confissão:

- Esta experiência foi muito interessante, principalmente quando padre Olavo resolveu comer minha bunda. Digo interessante porque nunca consegui descobrir ou entender a fixação que os padres safados têm por bunda. Eu sei de vários casos de mulheres com padres, relatados por minhas amigas, e todos eles tinham verdadeira fixação por bunda. Fiquei a imaginar o porquê dessa fixação: seria devido a uma possível tendência homossexual devido a experiências anteriores ou simplesmente por que eles tinham medo de engravidar as moças que seduziam? Indo pela porta detrás eles não correriam riscos de escândalos com o aparecimento de mulheres, digo adolescentes, grávidas nas suas respectivas paróquias. Aliás – disse animada lembrando-se de um detalhe que julgou importante – foi numa dessas histórias que me contaram que aprendi uma lição de como tomar no cu sem sentir dor. A técnica é muito simples e me foi ensinada por uma professora: basta combinar com o parceiro a hora exata da penetração e você então aspira com força o ar pela boca e profundamente enquanto ele penetra de uma vez. Depois que a rola entra é só relaxar e aproveitar – disse e ficou em silêncio, pensando enquanto fumava. Depois de alguns minutos voltou a falar enquanto frei Vicente apenas a observava.

- Minha aventura com padre Olavo foi uma vez só. Consegui o que queria e encaminhei o padre para vida que ele realmente queria. Fiquei sabendo depois que ele largou a batina e que tinha se acasalado com uma moça de sua ex-paróquia e que talvez tivesse casado na Igreja Brasileira, uma dissidência da Apostólica Romana. O casamento foi para satisfazer aos pais dela que não abriram mão da realização de um casamento numa Igreja, com vestido branco, com véu e grinalda, na presença dos parentes e amigos. Vai ver que depois de ter me comido ele viciou e tomou coragem para cantar a sua preferida e resolveu mudar de vida. Assim sendo padre, mais uma vez creio ter feito uma outra boa ação, pois aquele homem jamais seria um bom padre, mas deve estar sendo um bom marido e pai de família...

Quando ela acabou de falar chegou um garoto avisando que dona Josefa estava esperando os dois para o almoço. Eles se levantaram e sem trocar palavras seguiram o menino em direção à sede da fazenda. Maria Francisca estava satisfeita e sorridente. Frei Vicente fez o trajeto calado e sério.

XXXXX

Antes do almoço foi servido um aperitivo, mas o coronel Arruda estava bebendo algo diferente. Curiosa, Maria Francisca observou o rótulo na garrafa: Catuaba. Então se lembrou que os nordestinos, principalmente no semi-árido, ensinam uma receita afrodisíaca infalível: cascas de catuaba (que tem cor de ocre, um sabor amargo e cheiro de serragem) maceradas na cachaça. Essa “porção do amor” deve ser tomada aos cálices, mas sem exageros para fazer efeito. Provavelmente, pensou Maria Francisca, coronel Arruda estava tomando para manter sua libido em dia, pois potência, mesmo que artificial, ele já tinha proporcionada pela prótese. Continuou olhando ao redor e percebeu sobre o móvel da sala um livro de numerologia. Interessada, abriu o livro e seguiu algumas instruções relacionadas sobre o que seria sua lição de vida. Seguindo as orientações pegou a data de seu nascimento 15/05/1976 e somando os números e transformando-os em apenas um dígito chegou ao número 7. Foi mais adiante, e encontrou registrado em um texto referente ao número sete, o que seria sua lição de vida. Em resumo, a numerologia dizia que, sua lição de vida, seria conhecer a si própria e que deveria confiar na sua intuição para então encontrar o seu caminho. Dizia ainda que, por meio do auto-conhecimento, ela poderia encontrar todas as respostas que estava buscando. Aconselhava ainda para ela não ser impaciente e que evitasse o isolamento e que não deixasse que suas próprias dúvidas a transformassem numa pessoa insegura.

Ela gostou do que leu e identificou o seu atual momento de vida. Era exatamente isso que estava fazendo, buscando o autoconhecimento. Foi para outro capítulo do livro e leu o que os números indicavam para ela neste ano de 2006. Lá dizia que 2006 seria um ano de muita ação e que era o tempo apropriado para começar a mudar suas atitudes. Aconselhava ela a ter coragem e confiar na sua própria capacidade e que estabelecesse um plano de ação para conseguir tudo o que desejasse. Enfim, ela se viu no livro. Nada do que havia lido lhe era desconhecido, pois ela fazia exatamente aquilo. Ela era ambiciosa, sabia o que queria e nunca deixou que ninguém atrapalhasse o seu caminho. O padre santo, de certa forma, a estava ajudando a se encontrar. Ficou feliz com aquela constatação, pois estava no caminho certo.

O almoço foi servido: um assado de carneiro de deixar água na boca só em olhar o prato na mesa. O cheiro da comida invadiu a sala e todos se serviram. Maria Francisca, como boa nordestina, adorou a comida e elogiou muito, interessando-se sobre a receita de como prepará-lo. Dona Josefa disse que era um prato fácil de ser feito e foi pegar a

receita que uma amiga de Salvador tinha copiado da Internet e enviado para ela. Deu o papel a Maria Francisca e disse que podia ficar com ele, pois já tinha feito aquele prato tantas vezes que já sabia a receita decorada:

RECEITA DE ASSADO DE CARNEIRO:

“Ingredientes:

Um quilo e meio de carne de carneiro sem osso, sal e pimenta a gosto, um ramo de tomilho e duas colheres (sopa) de manteiga.

Modo de Preparar:

Primeiro, prepare a carne, limpando e unindo as partes com barbante, como se fosse um filé grande. Tempere a carne com sal, pimenta, folhas de louro e o ramo de tomilho, passando-os por baixo do barbante. Deixe tomar gosto por uma hora.

Depois, aqueça bem o forno e coloque a carne sobre uma grelha untada com manteiga, apoiada em uma assadeira. Deixe dourar bem, ponha meio copo de água fervente na assadeira, vire a carne e deixe dourar do outro lado (15 minutos para cada lado). Desligue o forno, e só retire a carne depois de 5 minutos. Recolha o molho da assadeira, passando para uma molheira. Sirva logo em seguida”.

Após o almoço, Frei Vicente e Maria Francisca retornaram à casinha. Ela estava ansiosa, pois teria que encerrar a confissão naquele domingo. Frei Vicente tratou de acalmá-la dizendo que se fosse necessário eles esticariam a conversa noite adentro, já que ela estava achando que a tarde não seria suficiente para relatar mais algumas coisas. Ao chegarem, Frei Vicente incentivou-a de imediato a continuar sua confissão e Maria Francisca não se deu por rogada:

- Bem padre..., tem uma coisa interessante que sempre gostei de fazer para provocar homens e mulheres em locais públicos, tais como ônibus e elevadores. Eu fazia muito quando era mais jovem, mas de vez em quando ainda gosto de praticar, ou seja, estou falando do famoso ato de “fazer-terra em alguém”, isto sem falar no não menos famoso ato de “bater-coxa”.

- Me explique o que é isso menina! Nunca ouvi falar neste tal de “fazer terra” – solicitou com curiosidade Frei Vicente.

- “Fazer-terra”, padre, é encostar a genitália numa outra pessoa e obter prazer com isso. Tem gente que faz isso no Elevador Lacerda, que sempre anda lotado. É uma coisa conhecida por todos na Bahia. As pessoas mais fantasiosas costumam praticar o “terra”

com freqüência e há quem consiga gozar. Eu mesma sou capaz de conseguir um orgasmo, fazendo “terra”, não no elevador é claro, mas dentro dos coletivos – disse com um tom de voz que revelava um saudosismo de um tempo já vivido –. Quando andava de ônibus, eu preferia não sentar e permanecia de pé. Procurava uma pessoa de meu agrado, geralmente estudantes jovens ou algum coroa que estivesse sentado na fila do corredor. E então, eu me aproximava e logo começava a roçar a xereca no ombro do dito cujo, fosse ele macio, musculoso ou ossudo. Fazia pressão e deixava o corpo livre para acompanhar os movimentos e sacolejos do ônibus. Há quem goste e curta estes encostamentos, deixando o ombro no ponto e até colaborando. A pessoa “terrada” gosta e se excita com o fato, geralmente ficavam trocando olhares comigo ou sorrindo. Raramente há quem recuse a ação da “terra”. Geralmente as mulheres “terradas” reclamam, salvo aquelas que gostam mesmo da sacanagem como eu. Este tipo de contato, com roça-roça, com pressões e tombos no clitóris contra o ombro escolhido às vezes, para aqueles que treinaram para isso, pode resultar em prazer e satisfação. Para tanto, é necessário concentração e que a gente comprima as coxas e aperte a xereca, fazendo um movimento de contração que empurre a bunda para cima. Estas contrações seqüenciadas e o roça-roça no ombro escolhido acaba proporcionando enorme prazer.

- Que coisa! ... – espantou-se frei Vicente.

- É isso mesmo padre. Eu conheço alguns homens que se gabam de fazer “terra” em ônibus, principalmente quando lotados, esfregando o cacete duro nas coxas e bundas das mulheres que estiverem à sua frente e se elas deixam acontecer é porque estão gostando. Ninguém diz nada, é um pacto silencioso que acaba se repetindo se os envolvidos se encontram em outras viagens. Mas eu nunca soube que algum deles tivesse gozado, pois seria a maior meleira..., já pensou? No meu caso a coisa é diferente, pois desenvolvi uma técnica própria utilizada também quando estou dançando nas boates e bares de Salvador. Caso goste de meu par, eu costumo encostar a minha xota nele, aplicando uma pressão para poder sentir o contato físico plenamente. Alguns chegam a parar os passos da dança, ficando praticamente imóveis no meio do salão, fazendo movimentos leves no ritmo da música. Como nem sempre os parceiros de dança têm a mesma altura, testa com testa, a gente pode encostar a xota em qualquer lugar, não precisa ser necessariamente no pinto, mole ou duro. Pode ser no monte pubiano, no osso da bacia ou no músculo da coxa. Alguns homens praticamente chegam a passar quase a perna inteira entre as da mulher e ficam no roça-roça no salão enquanto a música marca o ritmo da esfregação. Foi a partir dessas experiências da adolescência que pesquisei a

técnica da contração dos músculos vaginais e do reto. Com isso ganhei a admiração de inúmeros parceiros sexuais que diziam que eu tinha uma verdadeira chupetinha, ou seja, que eu tinha a famosa e perseguida “xota-chupeta”, que os homens tanto apreciam. A xota-chupeta faz um movimento semelhante ao ato de sugar uma chupeta e com movimentos bem ritmados. O homem pode se dar ao luxo de penetrar e ficar paradinho que a chupeta faz o resto, proporcionando intenso prazer ao parceiro – explicou Maria Francisca tomando fôlego. A parada foi suficiente para acender um cigarro e voltar a carga.

- A prática de “fazer-terra” é muito antiga aqui na Bahia. Os baianos adoram esta forma de fazer de sacanagem ou ousadia como dizem outros. Desconheço se esta forma de sacanagem é normal ou não entre outros povos, apesar de saber que isto é humano. Sei que é próprio da humanidade e todo mundo, de uma forma ou de outra, com fetiches diferentes, já deve ter praticado também, mas não com a intensidade e a desenvoltura dos baianos, tanto homens como mulheres, que inocentemente se encostam e roubam um pouco de prazer da vítima. O ato de “fazer-terra” é tão furtivo que lembra um beijo-roubado. Os homens geralmente “fazem-terra” em locais cheios de gente, como ônibus, elevadores e trens. Mas, para as mulheres esta prática é bem mais fácil e disfarçada. Eu desafio um homem a dizer que nunca sentiu o roça-roça de uma mulher em seu joelho, braço, perna ou em qualquer outra parte que ela possa se encostar como quem não está fazendo nada de mais, com a cara mais sonsa e santa da face da terra. E, diga-se de passagem, que a mulher, quando ela é safada e ousada, ela sabe como “fazer-terra” com tanta elegância, desfaçatez e dissimulação que o cara fica imóvel, muitas vezes sem entender ou querer acreditar que estão lhe tirando uma lasquinha. Como ficam na dúvida, se aquela “encostação” foi casual ou intencional, eles aceitam a “terra” com vergonha ou medo de constranger a amiga, a aluna, a namorada do amigo, a mulher do vizinho, etc. Preferem não dar pistas de ter notado as encostadas delas. É isso mesmo padre, as mulheres não precisam de multidão para tirar um sarro nos homens que elas desejam, sem querer envolvimento, e se satisfazem com estas pequenas travessuras praticadas nos locais mais diversos possíveis. Elas se aproveitam de momentos especiais numa sala de aula da escola, onde podem se roçar em um colega ou até mesmo no professor, roçando a xana no joelho, no ombro ou na mão do professor que esteja apoiada na mesa. Roçam também os peitos, as coxas ou a bunda no braço de quem querem provocar, permitindo com estas encostadas, como se fossem movimentos casuais, que suas partes íntimas sejam avaliadas. Um homem pode perceber, por exemplo, a rigidez dos seios ou da bunda

de uma mulher que se esbarra nele, ou também pode perceber a maciez daquelas partes. É isso mesmo, padre, as mulheres de um modo geral sabem ser dissimuladas e hipócritas nestes assuntos. Praticamente todas elas de alguma forma já fizeram uma “terrinhã” em alguém e ainda gostam de tirar onda de que são santinhas. Alguns homens são safados e estão sempre atentos a estes movimentos ou investidas femininas e permitem que elas tirem uma lasquinha, pois acabam proporcionando a eles sentir também uma emoção, prazer ou arrepio e por isso muitas vezes facilitam as coisas, criando o ambiente propício para serem “terrados”. Tanto os homens como as mulheres são cúmplices nestes pequenos atos de libidinagem e nunca revelam ao outro que perceberam e que estão conscientes do que está rolando. Preferem fingir que não notaram nada para não causar ou passar por constrangimentos. Mas, a verdade é que uma grande parte da população pratica este encosta-encosta, roça-roça, disfarçado que, inocentemente, apenas ajudam na libido e nas fantasias individuais ou como fonte de inspiração para uma punhetinha ou siririca realizada logo depois. – Deu uma pausa para respirar e concluiu – É, tem muita gente sonsa neste mundo, mas quem tem experiência nisso, que é escolado, saca logo a sacanagem e sabe tirar proveito, desfrutando do contato do outro corpo para sanar ou diminuir um pouco suas próprias carências. Padre, o senhor já pensou no fato de que todos os que agem assim o fazem porque são pessoas carentes? Pessoas que gostam de ser pegadas, esfregadas, “terradas” para se sentirem vivos?

- É minha filha, as pessoas estão ficando cada vez mais carentes de tudo, inclusive de amizades, de companhia e de pessoas para conversarem, trocando suas impressões sobre o dia-a-dia e pequenos problemas nos quais estiveram envolvidas. A carência é muito grande e, como uma consequência direta, muitos relacionamentos não vão em frente porque um dos parceiros não quer ouvir ou se envolver com os problemas do outro. Não têm paciência de ouvir e querem apenas desfrutar dos bons momentos. É por isso que este negócio “de ficar”, que os mais jovens tanto praticam, está fazendo tanto sucesso. Nenhum dos parceiros tem responsabilidades e desfrutam um do outro livremente e da maneira que gostam dentro de limites. A partir de um determinado limite, que varia de pessoa para pessoa, a liberdade do outro termina e não se permite outros avanços. Isto é taticamente aceito por todos os que praticam o “o ato de ficar” com fins de prazer e de companhia.

- É o senhor está por dentro mesmo... – comentou Maria Francisca demonstrando surpresa – Mas o lance que me trouxe até aqui para esta confissão foi o meu

envolvimento com Felipe Castelo, o homem que me deu o maior fora que já tomei na vida e que muito de chocou e magoou.

- Então não perca tempo menina, vá contando seu envolvimento com este homem – disse Frei Vicente.

CAPÍTULO 5

FELIPE CASTELO, O HOMEM QUE A REJEITOU

Maria Francisca ficou pensativa, tentando encontrar as palavras certas para falar sobre seu caso com Felipe Castelo, o homem que ela havia escolhido para ser o pai de seu terceiro filho. Acendeu outro cigarro, sentou-se nos degraus de acesso a casa enquanto em silêncio ficou observando a fumaça ser levada pelas lufadas do vento quente daquele início de tarde. Viajou na maionese. Deixou-se transportar pelas boas e más lembranças vivenciadas ao lado de Castelo. O sonho encantado que havia projetado para sua vida com a presença, próxima ou não daquele homem a quem aprendera a admirar, conhecendo suas virtudes e fraquezas, acabou se transformando num verdadeiro castelo de cartas, que ruiu quando surgiu o primeiro desentendimento. Onde foi que ela falhou? Permaneceu com um ar distante, imersa em seus pensamentos, tentando resgatar todos os seus passos com Felipe, todas as lembranças de suas andanças juntos para poder ordenar os fatos que contaria a frei Vicente, enquanto este aguardava o momento em que ela começasse a falar. E assim permaneceram por um bom tempo....

De repente, Maria Francisca começou a narrar sua história de vida a partir do momento em que conheceu Felipe Castelo:

- Conheci Felipe em Salvador durante uma festa que tinha o objetivo de premiar publicitários cujas criações se destacaram como as melhores peças do ano. Ele foi um dos vencedores. Durante o coquetel ficamos conversando sobre a influência da publicidade, principalmente aquela veiculada pela televisão, na mudança dos hábitos de consumo da população. De lá saímos para uma esticada pelos barzinhos da orla e coincidentemente fomos parar em um que ficava próximo ao prédio onde ele morava. Quando saímos estava chovendo muito. Um verdadeiro temporal se abateu sobre a cidade alagando as ruas e como seria perigoso dirigir naquelas condições ele acabou me convidando para pernoitar em seu apartamento o que aceitei de imediato. Para lá nos dirigimos a pé debaixo do aguaceiro, pois nem o carro pegou. Chegamos ao apartamento dele completamente encharcados. Ele me ofereceu algumas roupas secas enquanto arrumava um lugar para me acomodar. Ele morava só. Então, padre, dá pra perceber que depois de tantas bebidas, encharcados como estávamos e no canto dele... – fez uma pausa e com olhares maliciosos, acrescentou – tinha que rolar alguma coisa, não é mesmo?

- Se você está dizendo Maria Francisca, tenho que acreditar, pois a especialista aqui é você – resmungou Frei Vicente, enquanto ela cheia de empolgação continuou:

- A partir do momento em que entrei no banheiro para me trocar comecei a arquitetar tudo – deu uma paradinha estratégica ao relato, lembrando-se com orgulho de como se vestiu para sair do banheiro e continuou – Enxuguei e deixei os cabelos soltos. Vesti apenas uma camisa branca de manga cumprida do Felipe sem mais nada por baixo. Arregacei as mangas e abotoei apenas uns três ou quatro botões de baixo para cima, deixando à vista meus peitos e parte de minha barriga. E descalça, saí do banheiro caminhando em direção à sala e sei que a minha aparência sensual, com os bicos dos peitos durinhos, apontando para frente, causou um forte impacto em Felipe que ficou parado me olhando. Trocamos olhares de cumplicidade e sorrimos. Afastando todos os possíveis obstáculos para uma boa transa, ele me serviu uma taça de vinho branco, caminhou até o aparelho de som e colocou um CD com músicas românticas. Aquela foi uma grande noitada. Ele estava trajando apenas uma bermuda, sem camisa, expondo o seu peito cabeludo... Ainda lembro como suas palavras soaram bem em meus ouvidos:

- Você está maravilhosa! Nunca imaginei que uma camisa social pudesse deixar uma mulher tão sensual, linda... e com os faróis acesos... – como eu ia reagir ao comentário, depressa ele emendou – Bem, eu sei que você é bonita e sensual, mas esta visão que estou tendo é indescritível ... você está um tesão!

- Bebemos e exploramos o corpo um do outro. Felipe é um homem muito carinhoso e sem pressa. Ele sabe como tratar e conduzir uma mulher. Ele me fez arrepiar toda, enchendo-me de desejo e calor quando suas mãos e lábios, alternadamente tateavam e beijavam todas as minhas partes. Para dizer a verdade, eu simplesmente parei e deixei que ele explorasse cada centímetro de meu corpo. Foi uma noite inesquecível, marcante para ambos – disse Maria Francisca suspirando com as lembranças. Frei Vivente permaneceu calado e atento, enquanto ela continuou:

- Hoje, ele está com 62 anos. É um cara que participou ativamente dos movimentos e da luta armada contra o regime militar instalado no país após o golpe de 1964. Na época de sua militância, ele devia ter uns 18 ou 20 anos de idade e mesmo assim chegou a participar até de roubo a bancos para financiar a luta armada, tudo em nome da ideologia e pelo ideal, um novo modelo de regime que desejava implantar no Brasil. Ele foi preso e torturado, chegando a tomar choque nos culhões. Ele foi companheiro de outros presos políticos que hoje desfrutam de posições de destaque na sociedade. Alguns são publicitários, outros jornalistas, deputados, vereadores e professores universitários. A

vida de Felipe foi muito marcante e sofrida e exatamente por isso ele é uma pessoa de difícil convivência e muito cheio de treita. Tudo tem duplo sentido e ele analisa tudo o que se diz. – Falou Maria Francisca, dando uma pausa para acender outro cigarro.

- Ele era solteiro, pois não chegou a casar com a companheira que foi assassinada, num tiroteio com a polícia. Por isso ele resolveu levar uma vida sem o compromisso de ter filhos e mulher para sustentar. Sexualmente – frisou Maria Francisca –, acho que ele tem alguns problemas, mas nada de tão sério. Ele tem um pau dentro da média aceitável, com um bom diâmetro e não apresenta nenhum defeito de fabricação, funcionando a contento. Suas ereções sempre foram legais e sempre deram para o gasto dele: uma ou duas trepadas por semana... até quando me conheceu, pois passamos a ter relações diárias. Eu sei como estimulá-lo e sempre gostei das técnicas preliminares dele. Ele passava horas no pega-pega, chupa aqui, chupa ali, enfia aqui, enfia ali, sem gozar. Ele tinha a experiência vivida de que quanto mais se excitasse sem gozar e quanto mais tempo demorasse na putaria, mais duro e bonito o pau ficava e mais eu o desejava dentro de mim – deu uma pausa para fumar um pouco mais. Aproveitou para esticar as pernas andando de um lado para o outro da varanda com ar pensativo, quase tenso. Parou diante do padre e olhando diretamente nos olhos dele, continuou:

- Na verdade, padre, Felipe foi o único homem que conseguiu me prender sexualmente apesar de não ter um bom desempenho nos finalmentes. Quando ele se liberava para gozar, ele era rapidinho e exatamente por isso eu tinha que desfrutar ao máximo as sessões de toques envolventes. Eu costumava ficar em pé, junto ao umbral da porta do banheiro dos motéis, ou apoiada no tampo das pias defronte do espelho, quando ele me alisava e me beijava toda, da nuca aos pés, me levando à loucura de prazer. O contato de sua pele na minha, me dava tanto prazer que às vezes eu gozava ali mesmo. – Dizia Maria Francisca revirando os olhos e esfregando as mãos ao longo de suas próprias curvas, como se só com a lembrança dos carinhos fosse suficiente para fazê-la gozar ali mesmo, em pé, na frente do padre. Após os movimentos de volúpia ela continuou:

- Nossos encontros aconteciam sempre nos motéis, primeiro, porque ele tinha dinheiro para bancar e, em segundo lugar, porque ele não queria me levar para a casa dele, para não configurar compromisso... Está vendo só como a cabeça do machão funciona padre? – Perguntou Maria Francisca e sem esperar resposta continuou: A única vez que estive no apartamento dele foi quando de nosso primeiro encontro. Ele não queria um compromisso formal. Dizia sempre que temia um relacionamento mais profundo porque tinha perdido uma companheira no tempo da luta contra a ditadura. Ele tinha

medo que agora, já velho, só quisessem o dinheiro dele. Além de ser um publicitário de mão cheia e premiadíssimo, com passagens pelas agências de publicidade mais importantes do país, ele havia recebido uma senhora indenização do governo pelas torturas e anos que levou preso. Acredito que, pessoalmente, ele não se sentia muito à vontade com essa situação, pois quando entrou no movimento de combate à ditadura ele sabia dos riscos que corria, entrara na chuva para se molhar. E, exatamente por isso, vivia um conflito de consciência, pois achava imoral ser indenizado por uma coisa que fez por ideologia e consciência, mas não tivera a coragem de recusar a grana. Aquele era o seu maior problema, um conflito entre o que muitos acham que é uma imoralidade e o fato aceito por outros de que o pagamento ou indenização era uma necessidade, pois assim o governo reconhecia o erro..., mas, o senhor sabe, isto é uma interpretação minha, baseada no comportamento dele, repetido, todas às vezes que o assunto era abordado. Ele mesmo poucas vezes abriu a boca para dizer realmente o que sentia com relação à indenização, mas ficava resmungando quando criticavam e também ficava com ar de dúvida com relação às opiniões favoráveis. Em resumo padre, acho que ele é que está precisando fazer análise para se definir ou se aceitar melhor com relação ao seu passado de “subversivo” político.

Frei Vicente balançou a cabeça concordando com Maria Francisca, que continuou descrevendo o homem que ela queria como pai de seu terceiro filho.

– A exemplo de outros baianos, Felipe tinha ido para o sul do país, para integrar o grupo Var-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares – e acabou sendo preso, no início de 1971, em São Paulo, por policiais da Operação Bandeirantes (OBAN), criada pelo comandante do II Exército, com o objetivo de desmantelar aparelhos subversivos e combater grupos armados que lutavam contra a ditadura. No período de pouco mais que três semanas que permaneceu na OBAN ele foi submetido a várias sessões de interrogatórios e torturas feitas por pessoas diferentes. Depois foi transferido para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS de São Paulo) e de lá para o presídio Tiradentes e deste para a Lemos de Brito, em Salvador, onde cumpriu pena de três anos a que foi condenado. Depois disso, como vivia sendo importunado pelos órgãos de segurança, ele conseguiu exílio político no México, onde permaneceu até o ano de 1979, quando foi promulgada a Lei da Anistia, permitindo que cerca de 15 mil pessoas, entre elas Felipe, recuperassem seus direitos cassados por motivos políticos, saíssem da clandestinidade e voltassem ao Brasil depois do exílio provocado pelo regime militar. – Ela deu uma tragada, puxando a fumaça com força e disparou: Naquela época, padre,

centenas de estudantes foram expulsos das universidades, mais de 700 deputados foram cassados e quase todos os sindicatos sofreram intervenção militar. Mas, a Lei da Anistia, Lei 6.683, perdoou tanto os que haviam sido condenados por crimes políticos como os representantes do Estado que haviam praticado violência política, diga-se tortura, durante a ditadura... O senhor deve estar imaginando como é que eu sei até o número da lei, mas isso é fácil, pois Felipe sempre se refere a esta lei pelo número e eu acabei decorando – explicou Maria Francisca – O senhor também deve saber que esta lei apenas marcou o início da chamada redemocratização do país, pois muita gente teve que ficar esperando até a Constituição de 1988 ser promulgada para receberem também a anistia.

- Felipe me contou – continuou Maria Francisca – que foi torturado na sede da OBAN, onde os policiais já o receberam dando porrada, socos e pontapés. Mas foi durante os interrogatórios que ele foi submetido às sessões de choque elétrico em várias partes do corpo inclusive nos culhões. Ele diz ter visto alguns presos em piores condições do que a dele. Certa feita, ele viu um que estava pendurado num pau-de-arara, totalmente arrasado. Era uma coisa de dar dó no coração, segundo ele me contou. O cara gemia e ao mesmo tempo se mijava e se cagava todo e ao que parece havia sido colocado ali, no meio do caminho dos que iam ser interrogados para que eles vissem o estado deplorável em que o torturado se encontrava. O coitado estava sendo utilizado pelos militares como exemplo para atemorizar os que seriam interrogados...

- Na verdade, Maria Francisca – disse frei Vicente interrompendo-a – isso era também uma outra forma de tortura.

- Depois que conheci a história de Felipe eu me interessei pelo assunto e fiz várias pesquisas na Internet sobre tortura. É uma coisa horrível! – frisou e sem pausa continuou – Felipe me disse que ficou sabendo depois, quando já se encontrava na penitenciária de São Paulo, que foram os americanos que ensinaram os brasileiros a torturar sem deixar vestígios. Foram os gringos padre, imagine só o absurdo, que ensinaram as técnicas de choque elétrico nos testículos e na vagina. Eles ensinaram técnicas de tortura que não deixavam cicatrizes, tais como ossos quebrados ou audição destruída para não deixar provas a serem denunciadas pelo Grupo da Anistia Internacional.

- É minha filha, eu já li também muita coisa sobre a tortura – interrompeu frei Vicente – e quando se fala disso sempre sinto uma revolta interior contra esta bestialidade humana. Entretanto, a tortura acompanha o homem, desde que o mundo é mundo. Jesus Cristo, entre outros, foi torturado e morreu crucificado. A crucificação, na época, era uma forma extrema de tortura institucionalizada. Na Europa, a tortura foi muito utilizada para

extrair confissões e punir criminosos. Michel Foucault publicou um livro, “Vigiar e Punir”, onde descreve com detalhes a história da tortura na Europa. Pelo que se sabe, entre o final do século XVIII e o surgimento dos estados totalitários, como o comunismo, o nazismo, houve um período sem tortura na Europa. Mas, a partir do momento em que começaram as guerras de libertação nacional a tortura passou a ser ferramenta básica dos métodos de interrogatório para obter informações. Então os prisioneiros políticos passaram a ser humilhados, intimidados, aterrorizados, punidos ou ameaçados de morte... É Maria Francisca, a tortura deve ser combatida por todos, pois ela sempre deixa seqüelas mentais nos sobreviventes. Esse fato foi evidenciado pela Anistia Internacional em seu relatório de 1973, quando pela primeira vez esse órgão se mobilizou para esclarecer esse tipo de violência, considerando uma avaliação das seqüelas a nível médico e psicológico – disse Frei Vicente.

- É mesmo padre, devemos combater todo e qualquer tipo de tortura. Em minhas pesquisas na Internet identifiquei várias formas de tortura, inclusive as fornecidas pelo projeto “Brasil Nunca Mais”, que codificou os diferentes tipos de tortura empregados durante o Regime Militar no país. Entre elas estão: Coações morais, psicológicas e físicas; violências sexuais; tortura com instrumentos (aparelhos mecânicos e elétricos); tortura contra sinais vitais; entre outras atípicas.

- Os métodos de tortura são inúmeros minha filha. São abomináveis! – afirmou Frei Vicente, acrescentando: – A literatura especializada identifica vários métodos de tortura. Entre eles estão: o método da “Manipulação ambiental”, quando a vítima sofre o isolamento da família e dos amigos, pode sofrer a restrição de companhias, de sexo e de comida, e ainda pode ir parar numa solitária ou ser exposto a barulho intenso para não deixa-lo dormir. Tem também o método da “Manipulação Farmacológica”, quando usam barbitúricos e psicotrópicos. Os torturadores se utilizam também de “Métodos Coercivos”, forçando o indivíduo a assistir torturas aplicadas a seus amigos e parentes. Existem ainda os “Métodos Somáticos”, quando o sujeito é obrigado a ficar em uma posição forçada por longo período, ou é submetido a submersão, a espancamentos, a estupro, choques e queimaduras. Se isto não bastasse Maria Francisca, ainda tem as torturas que usam os “Métodos Psicológicos” para desestabilizar o indivíduo – disse frei Vicente com a convicção de quem conhecia muito bem do que estava falando.

- Em minhas incursões na Internet, padre, encontrei também – disse Maria Francisca – os nomes específicos utilizados nos mais diversos tipos de tortura, tais como: “Falanga”, que é o método de bater na sola dos pés do torturado. “The Hood”, quando

tentam sufocar o cara colocando a cabeça dele dentro de um saco plástico com inseticida. “Submarino”, quando submergem a cabeça do torturado em um local cheio de uma mistura de água, urina e merda, até que ele perca a consciência. “Telefone”, quando dão tapas ou murros nos ouvidos do coitado. O “Pau-de-arara”, muito conhecido no Nordeste brasileiro, quando o sujeito fica com os punhos e tornozelos amarrados juntos e o corpo é suspenso numa barra de ferro pelos joelhos. Com o corpo pendurado e dobrado os choques elétricos podem melhor ser aplicados nas partes íntimas. “Picada”, quando enfiam agulhas ou alfinetes embaixo das unhas do torturado... Essa é braba, padre, essa “picada” também é conhecida como tortura chinesa – disse Maria Francisca que ficou pensativa imaginando o quanto Felipe Castelo sofreu e continua sofrendo com as seqüelas psicológicas e morais que ficaram em sua alma, sem falar que ele perdeu a companheira, num tiroteio com a polícia e ele conseguiu escapar ileso.

Depois de um período, no qual ficaram em silêncio, ela acendeu um cigarro, bebeu água e voltou a falar.

- Depois de tudo isso, pelo menos Felipe foi indenizado pelo governo – disse ela acentuando cada palavra dita –. Em agosto de 2005, uma Portaria do Ministério da Justiça (baseada no artigo 10 da Lei nº 10.559, de 2002, e no resultado do julgamento proferido pela Comissão de Anistia) reconheceu a condição dele ter sido preso, torturado e anistiado político, concedendo-lhe por isso uma indenização econômica no valor de R\$ 1,197 milhão e uma aposentadoria de R\$ 8.000 mensais. Acho que Felipe mereceu receber, mas ele, de certa forma, considera o ato de ter recebido o dinheiro como imoral, porque tudo o que fez foi feito pelo ideal. Depois de ter recebido a grana ele passou a sentir-se culpado, vivendo um verdadeiro conflito de consciência. Ele aplicou todo o dinheiro e a aposentadoria também está se acumulando numa conta de poupança, rendendo juros sobre juros. Todo este dinheiro à sua disposição e ele está se sentindo constrangido, sem querer usá-lo. Muitas vezes falamos sobre seus traumas em relação à grana e eu cansei de citar pessoas importantes da vida do país que também tinham recebido e nem por isso se sentiram culpados, a exemplo de deputados, professores, intelectuais e jornalistas, que tinham perdido os direitos políticos e seus respectivos empregos. Eu sempre disse que ele devia encarar a indenização como uma forma simbólica do Estado reconhecer que errou. É claro que o dinheiro não vai apagar nunca as terríveis lembranças da tortura sofrida nem vai acabar com os pesadelos que atrapalham o sono dele. Para ele a indenização tem um valor material muito pequeno diante da dor e da tragédia que ele e outros expressos vivenciaram. Eu acho, padre, que Felipe tem que usar o dinheiro pelo menos para

viajar, se divertir e viver um pouco mais, pois ele só vive para o trabalho. O trabalho para ele é uma fuga da realidade. Pelo menos lá, na agência, produzindo suas campanhas publicitárias, mesmo que por ironia do destino sejam para políticos e empresários que antes ele combateu, ele se sente bem e não entra em depressão. Uma vez ele me disse que o sentimento de culpa por ter recebido a indenização é tão grande que ele não sente vontade nem de fazer amor, mas pelo menos comigo ele nunca brochou, pois sei como contornar o problema. Ele é brilhante nos jogos amorosos, nas preliminares e sacanagens, mas rapidinho nos finais... No cômputo geral, transar com ele é ter a certeza de uma boa trepada. Apesar do fora que ele me deu ainda gosto muito dele. Gosto tanto que o elegi para ser o pai de meu terceiro filho, mas infelizmente ele me interpretou mal. Achou que eu queria ter um filho dele por causa do dinheiro. Imagine só, eu nem pensei nisso, até porque o nosso relacionamento já estava passando do prazo de validade que estipulo de no máximo seis meses, exatamente para não ficar preso a nenhuma pessoa como já tive oportunidade de falar aqui. Como o senhor pode ver, a tortura realmente deve ter afetado muito ele, pois isto não é uma maneira normal de se ver a vida ...

- Ora Maria Francisca – disse frei Vicente – você está sendo muito cruel em achar que o seu desejo de escolher um homem para ser apenas um reprodutor seja também uma atitude normal. Ele pode ter errado em não acreditar que você só queria o sêmen, como você disse, para gerar seu terceiro filho, pois perante as leis brasileiras ele será sempre o pai e perante a lei ele é responsável. Você já se perguntou por que ele não quer ser o pai da criança que você deseja?

- Eu perguntei diretamente a ele. Sabe o que ele me disse? Não? É claro, mas ele foi extremamente machista e grosseiro... Ele disse que quando quisesse ter filhos ele escolheria a mulher e casaria com ela, mas esta hipótese estava descartada porque com a idade dele se viesse a ter um filho ficaria parecendo mais neto do que filho. Como não teve nenhum até o momento ele queria morrer sem colocar nenhuma criança neste mundo cheio de violência e corrupção. Isso, até eu entendi, mas ele me descartar com medo que eu pudesse ficar grávida sem o consentimento dele, é um absurdo. Isso jamais seria feito. O problema surgiu quando eu disse que estava investigando um método de preservar o esperma dele para fazer inseminação artificial daqui há cinco anos. Ele pirou. E pirou sem razão, pois até lá já deveríamos ter encerrado o nosso caso de amor. E aí, sabe quem ficou puta dentro das calças? Euzinha aqui ó – Ela disse isso com revolta.

- Ele ficou com ar decepcionado comigo – disse Maria Francisca – . Ele ficou tão retado da vida que virou pra mim e disse secamente que aquilo seria impossível, pois

além dele ser portador de varicocela – varizes nos cordões dos testículos – que o teria deixado praticamente estéril. Disse já ter feito vários exames e tinha certeza de sua esterilidade. Ele só não tinha certeza se era estéril por causa da varicocela ou porque tinha gala rala mesmo, como povo costuma dizer de quem casa e não consegue engravidar logo a mulher, ou se era por seqüela dos choques elétricos tomados durante as torturas sofridas.

- Diante da reação de Felipe – disse Maria Francisca – senti ter pisado na bola. Tentei remediar a situação, explicar que jamais aplicaria o golpe da barriga para prender homem nenhum, apesar de saber que esta prática ainda hoje seja usada por algumas mulheres que pensam poder prender homem com filho. Pura balela. O que segura tanto homem como mulher é a liberdade, padre, é não deixar que o outro se sinta preso e sufocado. Eu tentei de tudo pelo menos para preservar a amizade de Felipe. Falei sobre o ciúme, que considero como uma doença e uma burrice. Todo mundo sente, mas precisa disfarçar não deixando o companheiro com a sensação de que está sob vigilância, etc. Mas todos os meus esforços foram em vão. Felipe me descartou mesmo e a partir daquela data deixou de me procurar e muito raramente atendia um telefonema meu. Quando o meu número aparece no identificador de chamadas do telefone fixo ou na tela do celular dele, ele simplesmente desliga, não atende – disse com voz chorosa –. Eu não queria que uma coisa tão bonita como a que ligou nós dois acabasse assim, até porque ainda vou continuar tentando tê-lo como pai de meu terceiro filho... Vou ter ainda alguns anos pela frente para resolver isso.

- Minha filha – disse frei Vicente – você tem que aceitar os fatos como eles são. Aceite de uma vez por todas o fato de que ele não quer mais esta relação e nem quer ser pai de seu terceiro filho.

- É padre, mas o senhor já sabe que eu não desisto com facilidade das coisas decididas e que para mim são liquidas e certas – Falou com veemência –. Eu já conversei inclusive com um médico sobre a possibilidade de recolher o esperma coletado na camisinha após o ato sexual para congela-lo e na época certa, depois de uma criteriosa seleção provocar a gravidez por inseminação artificial. Depois do problema com Felipe tentei pelo menos uma última trepada, mas ele não concordou, pois ficou desconfiado de minhas intenções. O pior padre, é que apesar de minha determinação eu já vinha há algum tempo desconfiando que havia algo de errado com ele, pois já havíamos transado inúmeras vezes sem proteção e mesmo nos dias férteis nada aconteceu. Até aquela época, quando transávamos, para não correr riscos, eu tomava a pílula do dia seguinte só para ter

certeza de que não engravidaria, mas nunca ocorreu nada. Depois que ele me falou da varicocela e das sessões de choques nos culhões passei a ter quase que certeza da infertilidade. Entretanto, se ele concordasse em ser pai de meu terceiro filho, poderíamos coletar o sêmen diretamente na vesícula seminal, por meio de uma cirurgia feita no próprio consultório médico para tentarmos a gravidez no futuro, mas ele não aceitou de maneira nenhuma e a partir daí a coisa complicou e não transamos mais. Acabou! ... É uma pena, não é mesmo? – lamentou-se –. Um filho do Felipe, com toda certeza, seria uma pessoa extremamente sensível e bonita ... – deixou escapar o seu ingênuo sonho – Eu estava com muita raiva do Felipe, mas depois de tanto conversar aqui com o senhor, nesta confissão de três dias, eu estou mais aliviada e entendendo melhor não apenas a atitude dele, mas aprendendo a conhecer melhor todas as outras pessoas com as quais me relacionei.

- Na verdade – disse frei Vicente – você está aprendendo a se conhecer melhor. A se aceitar como você é e a aceitar as pessoas como elas são, com seus respectivos defeitos e virtudes. O importante minha filha é não se deixar abater pelo sentimento de culpa, que é um dos sentimentos mais arraigados dentro de nós e que se esconde atrás de nossas tristezas e frustrações.

- O senhor parece até ter batido um retrato da situação. Acho que o que estou sentindo mesmo é esse tal de sentimento de culpa, uma grande tristeza por ter pisado na bola no momento em que não deveria. Estou diante de um sentimento de impotência, de não poder resolver o problema – desabafou Maria Francisca.

- Você ainda vai aprender, Maria Francisca – disse frei Vicente –, muita coisa a partir dessa situação. Vai aprender a lidar e aceitar os seus próprios limites e fragilidades diante da individualidade e do desejo dos outros. A culpa acaba se transformando em auto desprezo.

- O senhor está querendo dizer que o sentimento de culpa vem dos meus próprios erros, já que culpa pressupõe erro? E esse erro aqui pode ser interpretado como pecado? O senhor quer que eu acredite que a culpa é uma decorrência do pecado? – Interrompeu Maria Francisca.

Não, filha. Uma coisa é o erro cometido, o pecado cometido, e outra é a culpa. São coisas distintas, mas as pessoas acabam criando uma união entre as duas coisas a fim de não deixar nenhuma alternativa ao seu próprio sentimento de culpa. O ato de pecar, cometer erros, é apenas a maneira de se fazer algo fora dos padrões determinados pelos valores de um grupo, seja ele social ou religioso. A culpa, entretanto, vem de dentro de

nós mesmos, da convicção de que cada indivíduo pode ter de que não pode errar e se isto acontece deve ser punida por ter errado, ou pecado. Na verdade, Maria Francisca, o sentimento de culpa acaba sendo uma espécie de punição que aplicamos a nós mesmos por termos nos permitido errar.

- Então, a partir disso, posso concluir que errar ou pecar faz parte da natureza humana e que só amadurecemos e crescemos quando pecamos, porque aprendemos com os nossos próprios erros? É isso? Dentro desta ótica, a culpa vai acabar sendo uma espécie de auto-perdão pelo erro cometido. Se assim for, padre, eu me auto perdôo pelos pecados cometidos pelo simples fato de não ser perfeita e que minhas limitações fazem parte de minha natureza – disse Maria Francisca.

- O ato de se auto perdoar é a própria aceitação da vida do jeito que ela é – tentou explicar frei Vicente -. Você também pode interpretá-lo como sendo um ato de renovação de sua auto estima. É a descoberta de que apesar do pecado cometido a vida continua, é termos a certeza de que estamos vivos. Você não pode é viver com medo de errar, de cometer pecados, pois só aprendemos errando. Como a sabedoria popular dos torcedores de futebol costuma dizer, só faz gol, quem perde, ou seja, quem erra acaba acertando. Em síntese, não é errado errar.

- Então – perguntou Maria Francisca – devo aproveitar todos os momentos de minha vida sem sentir medo de que meus atos venham a ser julgados ou condenados pelos outros?

- Veja bem – disse o padre - o que você cometeu no passado, não importa mais, pois o passado não lhe pertence mais. O seu presente é que é importante, pois você ainda pode interferir, modificando seu comportamento. Encare os fatos de uma maneira direta e simples: o que foi praticado no passado e que você já não pode modificar, já não lhe pertence mais. Assim, qualquer sentimento de culpa não lhe pertence, por isso você poderá esquece-lo, deixando de considera-lo a qualquer momento de sua vida. Apenas os pecados ou erros cometidos no passado que você ainda pode corrigir são de sua inteira responsabilidade perante Deus. Quando você os corrigir, automaticamente você receberá o perdão da Justiça Divina sem precisar recorrer a nenhum religioso – explicou frei Vicente.

- Diante de todas estas elocubrações – procurou decifrar Maria Francisca –, de repente o que está ocorrendo com Felipe Castello é realmente um grande sentimento de culpa. Ele deve estar sofrendo devido ao resultado da reavaliação de suas próprias atitudes cometidas, tanto no passado distante como no passado recente, e que ele pode

estar condenando hoje em dia. Ele deve estar frustrado devido à diferença existente entre a imagem que ele criou para si mesmo e a imagem que ele pensa que deveria ter sido.

- Você está se aprofundando muito na análise do problema Maria Francisca. A psicologia pode explicar não apenas os problemas vividos por Felipe como também os seus. Provavelmente o que se passa com ele pode ser chamado de remorso por não ter assumido ou feito uma coisa que ele gostaria de ter feito, ou que poderia ter feito, e não fez. Mas o remorso e o sentimento de culpa de Felipe são dele e ele é quem tem que procurar resolve-los buscando ou não ajuda profissional. Existem várias linhas de tratamento psicológico que podem ajudar tanto a ele como a você também. Por exemplo, na Psicologia Humanista-existencial, que segue a linha Rogeriana, a culpa é um sentimento como outro qualquer e que pode ser "trabalhado" terapêuticamente. Para esta linha de Psicologia, um sentimento de culpa, quando chega a ser considerado como um obstáculo por aquele que o sente, é apenas um resultado de um crescimento pessoal inadequado, mas que não chega a ser considerado uma patologia. Resumindo, os Rogerianos acham que o sentimento de culpa pode ser apenas limitação momentânea, vivida ou experimentada durante o processo de sua auto-realização – Maria Francisca estava atenta às explicações do padre que falava continuamente aos borbotões, numa verdadeira ladainha ou pregação de cunho psicológico, ilustrando com exemplos –. A culpa é um sentimento que pode conduzir o indivíduo a praticar a autopunição. Isto pode acontecer porque este é o tipo do sentimento que nasce de uma exigência, uma situação na qual não queremos fazer algo e isso acaba levando a pessoa à submissão. Dizem os compêndios da psicologia que a culpa é o meio mais eficiente que existe de levar uma pessoa a se submeter aos desejos da outra. Muitas religiões trabalharam intensamente o sentimento de culpa nos seus seguidores, de forma a abate-las por dentro, oferecendo em seguida o prêmio da salvação por meio do perdão. Muitas vezes isso foi praticado com tal afincamento por algumas religiões que o sentimento de fé, considerado básico, passava para um segundo plano. Mas, isto não nos interessa diretamente no caso. Sendo assim Maria Francisca, o que você tem que fazer aqui, neste momento, é vencer os seus problemas e acredito que, como sua cabeça é feita, você sabe o que quer, tem determinação em todas as suas atitudes, como tem demonstrado ao longo destes três dias, não encontrará qualquer dificuldade para se encontrar, levando ainda de sobra a minha absolvição e o perdão de Deus – disse frei Vicente com muita convicção.

Como Maria Francisca ficou pensativa, avaliando o que frei Vicente havia dito,

ele

continuou:

- Acredite e tenha fé que realmente Deus vai lhe perdoar. A Bíblia diz em um dos seus Salmos (32:1-6): “Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui a iniquidade, e em cujo espírito não há dolo”. Assim sendo Maria Francisca, como você confessou aqui todas as suas transgressões, Deus está te perdoadando toda a culpa de teus pecados – enfatizou frei Vicente.

- Nem todas, padre! Nem todas... Eu só contei alguns casos vividos. É obvio que as aventuras não reveladas envolviam outras pessoas, mas, pode ter certeza, o roteiro, do que o senhor denomina de pecado praticado, foi o mesmo, pois saciar meus desejos sexuais sempre foi a mola propulsora de minha vida. Naturalmente, não posso negar: eu estou me sentindo uma outra pessoa. Isto pelo fato de ter compreendido que, ao longo de minha jornada de aventuras, acabei ajudando muitas pessoas a se encontrarem, a se definirem na vida. Algumas delas descobriram que realmente elas amam as pessoas com as quais convivem maritalmente ou não e que comigo tiveram apenas uma aventura interessante que acabou servindo de combustível para a renovação de suas próprias vidas – concluiu Maria Francisca olhando a beleza da lua cheia, cuja luminosidade dava uma vida e uma cor diferente àquela noite. Só então ela percebeu que já tinha escurecido e já se ouvia o piar das corujas.

- É minha filha eu entendo o que você está dizendo, mas mesmo sem ter confessado todos os pecados, faça a contrição e peça perdão a Deus. Se aproxime para que eu possa lhe dar a absolvição – pediu frei Vicente, enquanto ela ia se ajoelhando próximo à cadeira ocupada pelo padre. Após o ato, se dirigiram para a sede da fazenda onde o jantar os aguardava.

EPÍLOGO

UMA MULHER AUTÊNTICA

Depois de três dias de confissões Maria Francisca estava se considerando leve. Tonho fora levá-la à estação rodoviária, quando se despediram com votos de sucesso. Ele tinha fechado com seu grupo político local que ele sairia candidato a deputado estadual este ano de 2006 e que tentaria se eleger prefeito de Bom Jesus da Lapa daqui há dois anos.

A bordo do ônibus leito intermunicipal ela estava retornando para Salvador naquela manhã de segunda-feira. Não estava satisfeita de todo, mas decidida a continuar sua vida como sempre foi: Autêntica. Isto sim era o que ela queria continuar sendo, pois não se sentia culpada, não se sentia pecadora, nem tão pouco portadora de doença, pois não era viciada em sexo. Ela gostava, mas também podia passar sem ele se não encontrasse com quem dar uma boa trepada. Ela tinha certeza que continuar sendo como era até agora era tudo o que ela deseja neste momento. Em seus pensamentos lamentava ainda que a escolha do pai para o seu terceiro filho não tivesse dado certo, mas continuaria tentando. Afinal de contas ela estava com apenas 30 anos e só queria parir novamente aos 35. Portanto, teria muito tempo à sua disposição para convencer Felipe Castelo ou procurar um outro homem, de seu agrado, que pudesse doar o sêmen para a geração de seu último filho.

Ao chegar a Salvador sua rotina foi retomada, pois sua empresa, apesar de estruturada, ainda dependia muito de seus contatos, principalmente na esfera pública. Ela precisava fechar alguns negócios antes de dezembro, pois este é um ano eleitoral e poderá haver mudanças de governo e se isto ocorrer ela terá que se articular com novos grupos políticos partidários para dar seqüência aos serviços prestados por sua empresa ao governo estadual e às prefeituras baianas.

Uma decisão que ela tomou durante a longa viagem de retorno foi que procuraria um autor que pudesse escrever o relato de sua experiência vivida durante aquele fim de semana, quando durante as confissões com frei Vicente passou sua vida sexual a limpo.

Como tudo estava muito fresco em suas lembranças ela decidiu recontar a sua história visando a publicação deste livro. Durante alguns dias, como profissional escolhido, estive reunido com Maria Francisca, em meu escritório, quando gravei seu depoimento e a entrevistei para preencher lacunas no relato com a finalidade de

transformar suas confissões neste livro. Naturalmente, como em toda obra desta natureza, os nomes dos personagens foram modificados para evitar identificações, inclusive o da própria Maria Francisca, que também não é o seu verdadeiro nome. Se tudo o que aqui foi relatado realmente aconteceu ou não passa de fantasias criadas por Maria Francisca, é uma dúvida cruel que, com toda a certeza, vai permanecer na minha e na cabeça dos leitores. Para contemporizar, nada melhor do que lançar mão do chavão e recurso da literatura, que permite a licença desta dúvida, assim sendo, vale destacar que tudo o que aqui foi relatado é pura ficção e qualquer semelhança com pessoas, fatos e acontecimentos é uma mera coincidência, pois como diz Maria Francisca, tem muito farsante e muita gente sonsa neste mundo de hipocrisia, principalmente no que se relaciona a sexo, quando as pessoas adotam comportamentos diferentes do que realmente pensam ou são. A propósito, como a história de Maria Francisca está corretamente ambientada no contexto vivido, ela fez questão de preservar os nomes reais das citações feitas a partir de livros técnicos e recortes de jornais e revistas que ela pesquisou, inclusive a Internet, ou de entrevistas dadas por alguns médicos concedidas em programas de televisão que ela havia gravado em vídeo.

Para finalizar esta história ela pediu que o livro deixasse bem claro suas atitudes, opiniões e estilo de vida. Assim sendo, com relação à sua vida amorosa Maria Francisca continua como sempre, em busca de novas aventuras. Na vida profissional, o objetivo dela sempre foi e continua sendo o de obter sucesso e se puder unir o útil ao agradável, ela jamais vai hesitar em misturar prazer com negócios, pois como disse Henry Ford, o industrial norte americano: “se há algum segredo no sucesso, ele consiste na habilidade de aprender o ponto de vista do outro e ver as coisas tão bem, pelo ângulo dele como pelo seu”. E isto é exatamente o que Maria Francisca procura fazer.

Quem frequenta a vida noturna, tanto de Salvador como das principais cidades do interior baiano, corre o risco de cair nas redes de sedução de Maria Francisca que continua em sua busca frenética por novas aventuras, pois para ela o legal não é apenas gostar de fazer. É gostar de fazer como ninguém nunca fez. Mais do que nunca, após suas confissões, ela passou a entender o que o poeta quis dizer com “o amor é bom enquanto dura”. Pois, a partir do momento em que o fascínio pelo outro começa a declinar, as individualidades afloram e se não houver maturidade, qualquer relação vira um caos, pois o que antes era considerado como um paraíso acaba se transformando num verdadeiro inferno.

Por isso ela está consciente de que a prática do sexo casual, do amor avulso, é legal e faz com que ela acorde sempre bem disposta no dia seguinte, sem ter que se preocupar com as conseqüências do ato isolado ou com os problemas do parceiro. Na visão de Maria Francisca ela faz sexo sempre que pode, pois se só fizer sexo por amor ela vai acabar indo para a cama muitas poucas vezes em sua vida. E como ela gosta de sexo, quanto mais ela o praticar, mais ela vai desfrutar deste prazer ao longo dos anos.

- O negócio – ela aconselha –, é não perder tempo procurando a cara metade, o príncipe encantado ou amor de sua vida, pois de repente o tempo passa, você envelhece e não encontra o procurado.

Além disso, uma coisa que ela gosta é a transa de risco, tipo aquelas que podem ser praticadas, por exemplo, no banheiro da empresa, dentro de um carro na garagem de um edifício residencial, ou na área de estacionamento de um shopping center. Quando fala sobre estas possibilidades ela enfatiza: “Quem já experimentou sabe o quanto a adrenalina colabora com o prazer”.

Outra coisa que ficou muito claro para ela em relação aos homens foi que de um modo geral os homens mais velhos são quase todos complexados, enquanto os mais jovens, que não têm ainda o dinheiro e a posição social necessária, estão sempre cheios de vitalidade e dispostos a topar novas aventuras. Para Maria Francisca, o sexo casual com os mais jovens é interessante devido à vitalidade dos mesmos e principalmente porque eles não desenvolveram complexos e não possuem ainda ex-mulheres para atrapalhar.

Por falar em complexo, ela dá graças a Deus o fato de ter crescido sem sentir o chamado “Complexo de Cinderela”, título de um dos livros de Colette Dowling, que explica que este complexo é o desejo que muitas mulheres desenvolvem no sentido de “serem cuidadas, protegidas, amparadas e aliviadas das responsabilidades para consigo mesmas”. Na visão de Maria Francisca, como ela revelou:

- O que as mulheres de um modo geral desejam mesmo é um coleira invisível. Elas desejam ser dominadas pelo homem, desde que isto não seja explícito nem notado por alguém. O problema é que os homens parecem ser mal resolvidos, pois se uma mulher der em cima de um homem, porque está afim dele, ele fica com medo da mulher. Como os homens não sabem dizer não a uma investida feminina, é possível até que aceitem uma transa, deixando-se levar pela sedução, mas se isto ocorrer invariavelmente eles pulam fora da situação, evitando um segundo encontro. Portanto, aconselho às mulheres que quando estiverem a fim de algum macho, deixem que o homem avance os

sinais como se a iniciativa fosse dele, caso contrário você corre o risco de perder o pretendido, a não ser que tentem as minhas técnicas de sedução. Isto porque quando parto para a guerra da conquista já estou de posse de todas as informações necessárias sobre o troféu a ser conquistado. Aí então a estratégia é usar as informações levantadas, onde as fraquezas do cara a ser conquistado foram antecipadamente estudadas e os passos passam a ser dados com determinação até o final – explicou.

Maria Francisca não está preocupada com isto, mas me confidenciou que está disposta a publicar suas memórias. Ela prometeu marcar uma reunião de trabalho quando retornar de sua viagem ao Japão para o lançamento deste livro. Então, quando ela retornar poderemos planejar e coletar novos depoimentos a serem transformados em um novo livro, romanceados como nesta história aqui revelada. A propósito, a viagem de Maria Francisca ao Japão só acontecerá em abril de 2007. “Ela vai participar do festival de Kanamara, que começou no período “Edo do Japão” (1603-1867) e é realizado anualmente no mês de abril em Kawasaki. Trata-se do festival anual da fertilidade quando pessoas de todas as idades participam da parada que ostenta um pênis gigantesco, comem vários tipos de guloseimas em forma de pênis e se fantasiam a caráter para a festa. Segundo a tradição, o festival comemora a vitória do homem sobre um demônio que vivia na vagina de uma mulher e que mordía e arrancava os pênis de seus incautos amantes. De acordo com a lenda, um artesão teria forjado um falo de aço que ao ser introduzida na mulher acabou quebrando os dentes do demônio.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da FACOM/UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos. É também poeta com oito livros publicados e compositor com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Atualmente, Sérgio Mattos é diretor-coordenador da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela UNIBAHIA. Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos ocupou a função de editor dos suplementos de Municípios e Rural do jornal **A Tarde**, de Salvador até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista **NEON**, de arte

cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador. Na década de 1980 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil (Tese de Mestrado), 1980.

The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government, 1981.

Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil (Tese de Doutorado), 1982.

The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television, 1982.

IRDEB – Relatório das atividades de 1983/1984.

Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional, 1988.

Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história, 1990.

Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico, 1991.

A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo, 1993.

Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística, 1994.

O Controle dos Meios de Comunicação, 1996.

A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, 1977(org.).

Televisão na era da globalização, 1999 (org.).

A televisão no Brasil: 50 anos de história, 2000.

Imparcialidade é Mito, 2001.

História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política, 2002.

Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo, 2005.

Cidadão sem fronteiras, 2007.

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na internet, publicou os seguintes livros:

Nas Teias do Mundo, 1973. (poemas)

O Vigia do Tempo, 1977. (poemas)

A Batalha de Natal, 1978. (crônicas)

Time's Sentinel, 1979 [Tradução de Maria Luisa Nunes]. (poemas)

I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro), 1980. Edição bilíngüe [Tradução de Albert Bork]. (poemas)

Lançados ao Mar, 1985. (poemas)

Asas Para Amar, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996. (poemas)

Estandarte, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª ed. 1996. (poemas)

Trilha poética, 1998.(poemas)

Étendard, 1998 [Tradução de Daniel Bloom]. (poemas)

Fio Condutor, 2006. (poemas)

Amadeu, um bandido nordestino, 2008 (novela)

Os funerais de dona Camila, 2008 (novela).

